

# EM GUARDA

ANO 2

Para a defesa das Américas

N. 10



Um solitário hidroavião da Marinha dos Estados Unidos fazendo a patrulha da madrugada







# AS FRENTES

# AÉREAS NA EUROPA

O RIO Reno percorre a parte mais rica da Alemanha. Ao longo do seu curso e dos seus afluentes erguem-se, em altaneiros rochedos de suas pitorescas margens, antigos castelos teutônicos. E' entre essas relíquias, algumas já em ruínas pela ação dos tempos, que se tem assinalado o maior desenvolvimento industrial moderno da Alemanha. Aí estão concentradas oitenta por cento das minas alemãs de carvão e as suas famosas usinas de aço. Daí se ramificam quarenta por cento dos seus transportes ferroviários. E é ainda aí que alguns dos mais formidáveis ataques aéreos da aviação dos aliados têm danificado consideravelmente a máquina bélica alemã, em suas importantes instalações.

No comêço da guerra os nazistas não queriam acreditar que qualquer inimigo lhes pudesse bombardear as fumacentas cidades do Ruhr, que é um dos tributários do Reno. O vale do rio estava rigorosamente preparado com numerosos aeródromos para rebater, com seus aviões, qualquer ataque, e os canhões anti-aéreos, em baterias sem conta, dotavam o centro industrial alemão de uma defesa extraordinária. Com a sua arma aérea então dominando os ares, Hitler supunha-se invencível e convencido de poder reduzir facilmente a cinzas as cidades dos seus adversários, varrer dos mares a sua navegação e abrir caminhos em tôdas as direções — den-

tro da própria Europa, na Inglaterra e na África, para estabelecer a sua "nova ordem". Todavia, um ano depois de queda da Polônia, os aviões ingleses estavam atacando as regiões do Ruhr. E dentro de três anos as Nações Unidas apresentavam-se com uma impressionante margem de superioridade aérea. Os aviões alemães estavam sendo deslocados para irem sustentar a periclitante frente de batalha na Rússia e também para apoiar a malograda campanha na África. O centro industrial alemão, dentro do fácil alcance das bases aéreas dos aliados na Inglaterra tornou-se assim cada vez mais vulnerável.

À medida que os assaltos aéreos contra a Alemanha foram aumentando de frequência e de vigor, protestos fizeram-se ouvir, mas o general Henry H. Arnold, comandante em chefe da Aviação Militar dos Estados Unidos, não se fez esperar na sua resposta: "Nós escolhemos unicamente objetivos militares para nossos bombardeamentos e os nossos bombardeiros têm sido de uma precisão, em sua pontaria, que nenhum dos aviadores do Eixo pode conseguir. Mas nós não podemos evitar os *aquéns* e os *aléns* das nossas bombas, que, por esta ou aquela razão, deixam de alcançar os seus objetivos. Os alemães, os italianos e os japoneses já sabem o que os espera. Nossos planos prendem-se à destruição, pelo ar, de suas fábricas, de seus meios de

**A esquerda:** O céu sobre o aeródromo de Monserrato, na Sardenha, está repleto de bombas lançadas pelas "Fortalezas Voadoras" que passam durante um raide. Em baixo: Uma formação de aviões Mitchell, de bombardeio, num raide, ao aproximar-se do seu objetivo na Sicília, em recente assalto



EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTER-AMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 339 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos. Oficinas: 6601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no correio de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 8 de Abril de 1941, de acôrdo com o Decreto de 3 de Março de 1879. Ano 2, N. 10.





Os tripulantes de uma "Fortaleza Voadora" saltam do seu avião, depois de terem realizado um raide diurno contra uma das importantes bases de submarinos alemães situadas na costa meridional da França



Estes pilotos americanos, de aviões de combate, destruíram onze aparelhos alemães durante uma semana. O tenente M. R. Powers (à esquerda) abateu cinco e o tenente R. E. Duffey seis. Em baixo: O capitão Walter Hanna dá instruções aos seus pilotos no quartel subterrâneo situado numa base avançada na Tunísia, onde os aviões e os pilotos tomam tôdas as precauções contra possíveis ataques aéreos do inimigo



**(Continuação)**

transportes e de suas vias de comunicações, assim como de seus estaleiros de construção de submarinos e de indústrias, que os aparelham. Isso não lhes agrada. Clamam para que ponhamos termo a essa tática. E' que eles já se sentem dominados pelo pavor da derrota."

Durante os primeiros meses deste ano, os aviões dos aliados fizeram investidas constantes para bombardear Duisburg, Dusseldorf, Colonia, Mainz, Mannheim e Karlsruhe, no vale do Ruhr. Seguindo o curso dos rios, que se dispersam como as linhas de um mapa, os aviões tomavam suas direções para irem atacar Essen, Dortmund, Frankfurt e Stuttgart. Usinas de aço, fábricas de ferramentas, oficinas, estaleiros, bases de submarinos, vias férreas e comportas de canais foram destruídos com grande eficiência. Os pequenos mas contínuos raids aéreos noturnos da aviação inglesa, que mantiveram em constante atividade a defesa anti-aérea do Ruhr e da área do Reno, aumentaram, repentinamente, de frequência e de potencial destrutivo. Enquanto que, em 1942, eram lançadas em seus maiores assaltos mil toneladas de bombas, este ano os ingleses fizeram sentir aos alemães os frequentes efeitos de duas mil toneladas de explosivos.

Breve, os raids noturnos britânicos foram secundados pelas "Fortalezas Voadoras" americanas que, durante o dia, atravessavam o Canal da Mancha e o Mar do Norte, para lançar a destruição em pontos estratégicos na costa e no interior. Dentre esses pontos selecionados destacavam-se as fábricas de Meaulte e de St. Omer, na França, as bases navais alemãs de Kiel, de Wilhelmshaven e de Emden, assim como os centros industriais na Bélgica e na Holanda. Equipados de metralhadoras pesadas, os gigantescos bombardeiros "Fortalezas Voadoras" e os "Liberators" faziam seus raids sem necessidade de escolta de aviões de combate. Num dos assaltos, uma "Fortaleza Voadora" enfrentou 40 aviões de combate alemães, abateu dez deles, avariou oito e conseguiu regressar à sua base.

De outra feita, esquadrilhas de 115 "Fortalezas Voadoras" e "Liberators", desta vez escoltados por aviões de combate, venceram a oposição de centenas de aviões alemães e levaram a efeito a sua missão de bombardear o território inimigo. Numa semana, os grandes aviões abateram 269 aviões alemães, tendo perdido 48 apenas. Uma das "Fortalezas Vo-



Os "Thunderbolts" — os aviões de combate de tipo mais moderno dos Estados Unidos, prontos para entrarem em ação na Europa

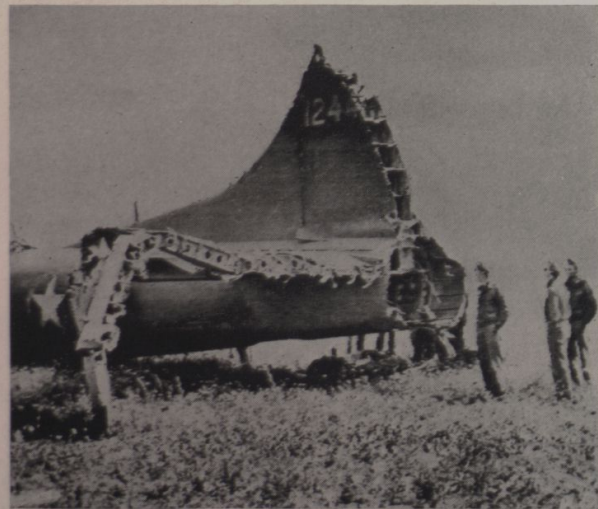


As crateras causadas pelo lançamento das formidáveis bombas das "Fortalezas Voadoras", no aeródromo de Milo, na Sicília. Trinta aviões do Eixo que estavam nesse local foram atingidos diretamente. Numerosos outros ficaram avariados pelos estilhaços das bombas de fragmentação. Os aliados continuam a bombardear, sistematicamente, essa base insular





A represa de Moehne, na Alemanha, jorrando água, depois de ter sofrido um rombo de 61 metros, em consequência do bombardeio realizado pelos aviões aliados



A despeito de ter perdido a cauda, que foi atingida por bala durante um raide, esta "Fortaleza Yoadora" conseguiu, afinal, regressar à sua base, num dos campos de Tunísia



A base nazista de submarinos em Kiel, ao ser bombardeada por aviões "Liberators" quadrimotores. Vê-se o efeito das bombas lançadas pelos aviões que iniciaram o ataque

### AS FRENTE AÉREAS NA EUROPA (Continuação)

doras" foi alvejada seis vezes por balas de canhão e 200 vezes por metralhadora, mas voltou à sua base, com "perfeita" segurança.

Depois da queda da Tunísia, o vigor do ataque aéreo contra a Europa aumentou, sendo procedentes de três pontos — da África, da Rússia e da Inglaterra. Na campanha africana a Alemanha e a Itália perderam 2.000 aeroplanos e suas forças têm sido atacadas em suas bases situadas no próprio sul da Itália. A aviação dos aliados tem bombardeado sem cessar as ilhas fortificadas de Pantelleria, a Sicília e a Sardenha. Numerosos assaltos, em que têm participado 300 e até mais aviões, os aliados alvejam com grande sucesso importantes centros ferroviários, docas e fábricas de armamentos italianas, na Ligúria, em Nápoles e outras cidades. Todos esses acontecimentos mostram como mudou completamente o aspecto da guerra para a

Itália, tal como já tinha mudado para a Alemanha. Quando, há três anos, Mussolini entrou com a sua pátria na guerra, pouco se calculava a possibilidade de tornar-se a Itália um ponto essencial de ataque. Naqueles dias, os fascistas, esperando a destruição da Inglaterra e contando com uma vitória rápida, não escondiam o seu entusiasmo pelo grande poder aéreo do Eixo. O rádio de Roma, por exemplo, declarou em Setembro de 1940: "Uma coisa é certa — a preparação material e espiritual de Londres para uma completa resistência. Mas seja qual for a natureza dos seus recursos, em valores humanos ou materiais, dia virá — tem que vir — em que Londres não poderá resistir mais."

Na fronteira oriental da Alemanha, a aviação nazista viu-se na suprema premência de enfrentar uma força aérea russa que se expandia cada vez mais. Os russos, com uma tenacidade insuperável,

concentraram seus ataques contra os alemães em seus pontos vitais — linhas de abastecimentos, conjuntos de artilharia, transportes de tropas e entroncamentos ferroviários. Ao romper da primavera, esses ataques tomaram tremendas proporções, pois era essa a ocasião em que os alemães julgavam oportuna para refazer suas forças e reorganizar uma nova ofensiva que lhes salvasse das desastrosas miragens do inverno. Em quatro semanas de sistemáticos assaltos, os alemães perderam 1.894 aviões, no ar e em terra, enquanto que os russos sofriam a perda de 550 aparelhos.

Um dos feitos mais impressionantes, pela vastidão das suas consequências, na ofensiva aérea dos aliados durante o mês de Maio, foi o ataque da aviação inglesa contra as represas de Moehne e de Eder, na Alemanha, que causou a inundação de uma das mais importantes áreas industriais nazistas.



Aviões do Eixo, destruídos, espalhados no aeródromo de El Aouina, perto de Túnis, depois da vitória dos aliados. Todos esses aparelhos foram atingidos quando estavam em terra, pelos aliados que concentraram seu ataque com tremenda fúria. No primeiro plano vê-se parte de um dos enormes transportes aéreos alemães, usados para conduzir reforços





**Um soldado** ferido em combate, ao ser transportado para o posto médico militar mais próximo, onde se inicia a batalha da ciência para salvar o maior número possível de vidas com os modernos recursos médicos



**Num hospital** de sangue, por trás das linhas de combate, a moderna cirurgia de campanha encontra-se aparelhada para atender imediatamente aos casos de emergência. Em baixo: Na sala de operações, num hospital central na zona de operações de guerra. Ali se encontram médicos especialistas, que dispõem dos aparelhos mais modernos para a sua missão de proporcionar pronto socorro aos feridos nesse período crítico



# REHABILITAÇÃO DOS FERIDOS

A CENA é comum em tais assaltos. Por trás do fogo de barragem, as tropas americanas avançam resolutamente, mas muitos soldados caem feridos. Seus camaradas fazem todo o possível para colocá-los em posição cômoda e prosseguem na avançada.

Atualmente, cada soldado ferido em combate, se não tiver perdido os sentidos, pode começar a tratar o seu ferimento mesmo antes de lhe chegarem os primeiros socórrtos. Atado ao seu cinto tem êle um pequeno estojo contendo drogas necessárias para aliviar-lhe a dôr. O ferido toma cápsulas de sulfadiazina e aplica sulfalamida em pó sobre o ferimento, para prevenir a infecção. Não procura arrastar-se para as linhas da retaguarda. Fica ali mesmo, imóvel, na certeza de que, em breve, virão socorrê-lo.

Dentro de poucos minutos um enfermeiro que acompanha de perto a avançada está ao seu lado. Examina-o e, de seu estojo de emergência, tira as ataduras para envolver o ferimento. Se o ferido ainda continúa sofrendo dôres, o enfermeiro dá-lhe uma injeção cujo efeito é quasi imediato. Isso feito, amarra uma papeleta no cinto do ferido, anotando a natureza do ferimento e o tratamento que já foi proporcionado. Na ponta da baioneta ou de um páu, amarra um pedaço de pano, para marcar o local onde se encontra o soldado. E em seguida, vái atender outro ferido.

Pouco depois chegam os padioleiros para transportar o soldado ferido para o hospital de sangue da sua respectiva unidade — instalado em veículos automóveis, dentro de um quilômetro das linhas de fogo.

Dêsse hospital de sangue, o ferido é conduzido numa grande ambulância, de seis rodas, num automóvel "Jeep" ou mesmo num caminhão do Exército, para outro hospital de sangue, maior, mais bem aparelhado, a uma distância de oito a quinze quilômetros da zona de batalha. Aqui, maior é o número de médicos e o hospital dispõe de aparelhos de raios X. Há médicos especialistas de cirurgia de guerra, mas se as condições do ferido são sérias, êle é transportado por avião a milhares de quilômetros, para um hospital central. Os feridos procedentes das regiões de ultramar chegam aos Estados Unidos, geralmente, dentro de três dias.

Durante dezoito meses de guerra, noventa e sete por cento dos feridos têm se restabelecido, e destes, mais de cinquentá por cento têm tornado ao serviço ativo. O número de amputações está sendo uma fração apenas do que costumava ser em guerras passadas. A gangrena, considerada como uma verdadeira calamidade dos campos de batalha, está agora perfeitamente controlada. O emprêgo da sulfalamida muito tem contribuído para prevenir as infecções e para combater as doenças. Os casos fatais provenientes dos ferimentos abnormais estão reduzid's a menos de cinco por cento. Graças à rapidez dos transportes, aos novos medicamentos e à moderna técnica cirúrgica, os feridos agora morrem menos.



**Soldados** em tratamento, que estão em convalescência, encontram várias distrações no hospital, mesmo nas regiões mais afastadas



**Um soldado** de infantaria de marinha, ferido em combate, ao ser removido, numa maca, do submarino que o transportou da zona de batalha no Pacífico. Todos os meios de transporte são usados para evitar qualquer retardamento nos cuidados devidos aos feridos. Por isso a mortalidade está sendo muito mais reduzida agora do que noutras guerras





Consultando a tabela de preços dos gêneros alimentícios antes de fazer as suas compras. Da tabela constam os preços máximos permitidos pelo governo. Em baixo: Na indústria de guerra, a idade não é nenhum obstáculo. Cincoenta anos de prática num ofício que demanda absoluta precisão fizeram desse veterano operário um elemento precioso no trabalho de moldagem de obras finas. Aos arsenais de guerra estão voltando muitos deles



# UMA NAÇÃO EM GUERRA

É realmente extraordinária a mudança que dezoito meses de guerra têm imprimido à vida civil nos Estados Unidos. É evidente o esforço de uma nação que está mobilizando todos os seus recursos para manter em armas, e bem abastecidos, dez milhões de homens. A premência das circunstâncias tem feito com que muito dos confortos do tempo de paz sejam postos à margem. A militarização do país tem causado a separação de numerosas famílias e o trabalho industrial de guerra, que está avultando em suas ciclópicas proporções, absorve milhões e milhões de operários a mais. Todos os dias a população adulta submete-se a novas mudanças nos hábitos da sua vida e até nas crianças se refletem os efeitos do programa de guerra.

Em todos os quadrantes do país nota-se essa mudança. Ela se manifesta nos transportes ferroviários, agora alheios a bem servir um público que, antes da guerra, cruzava o país em moderníssimos trens, última palavra de conforto e de velocidade. Hoje, os trens militares têm rigorosa preferência; deles é um horário que não admite delongas, quer seja no transporte de tropas, quer se trate do tráfego de material de guerra.

Nas ruas das cidades é notável a redução no número dos moços em trajes civis. Mas é, de fato, nas pequenas cidades e nas vilas que mais se tem feito sentir essa redução. Spencer, no Estado de Iowa, é uma vila de 6.600 habitantes, que deu mil homens para as forças armadas. Shenandoah, no Estado de Pensilvânia, de uma população de 25.000 almas, forneceu dois mil homens, outro tanto sendo fornecido por Frankfort, no Estado de Indiana, uma vila de 14.000 habitantes. Outra parte de suas respectivas populações acha-se no trabalho nas indústrias de guerra.

Em lugares onde era frequente a congestão do tráfego, agora se vêem poucos automóveis. Nas ruas, a maioria das pessoas destina-se ao trabalho. Na lavagem, há dificuldade de encontrar mão de obra. No país inteiro, estão sendo organizados 3.000.000 de voluntários para ajudar no trabalho agrícola.

Com o advento da primavera, havia sempre um aumento de milhares de automóveis nas cidades e no campo. Em 1942, esse aumento foi insignificante; em 1943, foi nenhum. A própria indústria automobilística, que antes se comprazia em expor seus carros de modelos mais elegantes, agora, entregue completamente à produção de guerra, glorifica os seus tipos de tanques, de canhões e de aviões mais eficientes e mais poderosos. Nas belas rodovias emolduradas pela exuberante vegetação primaveril, avultam mais os autocaminhões militares, em constante transporte de soldados acampados nos arredores de quase todas as cidades. Nestas, os bondes e os auto-ônibus movimentam-se superlotados. A população civil, sujeita a rigoroso racionamento de vários gêneros alimentícios mais essenciais, conforma-se e adapta-se até mesmo à frequente escassez de muitos produtos.

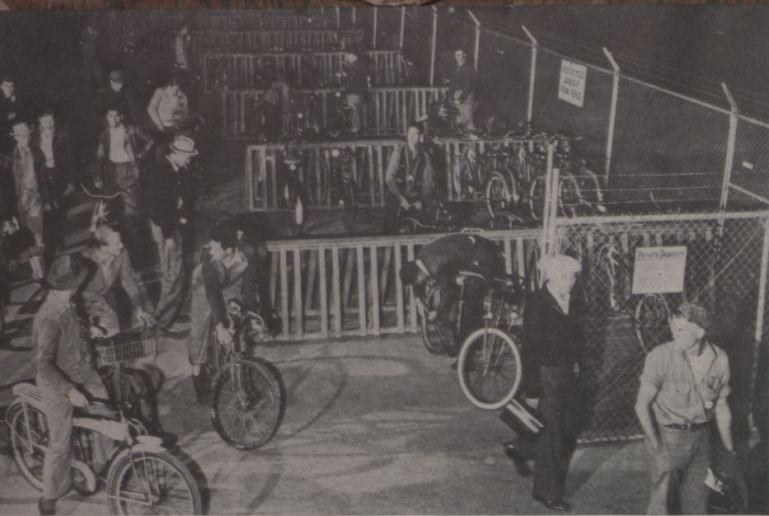
É a guerra, em suas inevitáveis consequências. Nas estações de estradas de ferro, já são triviais as cenas de despedidas entre os soldados e suas famílias. Nas grandes "gares" destaca-se o movimento de membros das forças armadas — soldados, marinheiros, aviadores, enfermeiras e mulheres dos vários serviços auxiliares, a todas as horas do dia e da noite, em contínuo váivem.

Poucas são atualmente as famílias que não têm algum de seus membros no serviço de guerra da nação. Dos 22.000.000 de varões em idade militar, de 18 a 37 anos, convocados para as armas, 14.000.000 satisfizeram as condições exigidas pelo exército e pela armada. Até o fim do corrente ano o efetivo das



Esta empacoteira de para-quedas, que substituiu no trabalho um homem mais necessário como combatente, bem sabe que dos seus cuidados dependem muitas vidas





**As bicicletas** estacionadas nos pontos que antes eram reservados para os automóveis dos operários, perto das fábricas, são prova da crescente escassez de gasolina e de borracha para os pneumáticos dos automóveis



**Doze mil** homens por dia, procedentes de todas as partes dos Estados Unidos, estão sendo incorporados nas forças de terra e mar, para aumentar o seu efetivo para 10.800.000 até o fim deste ano, em todas as armas



**Billy Herman** e Kirby Higbie, famosos jogadores de baseball, ajudam a campanha do Tesouro para a subscrição dos bonus de guerra, num dos estaleiros na costa do Atlântico. Elementos proeminentes nos sports, no teatro e no cinema têm percorrido o país, cooperando na campanha para satisfazer às necessidades do enorme orçamento da guerra dos EE. UU.

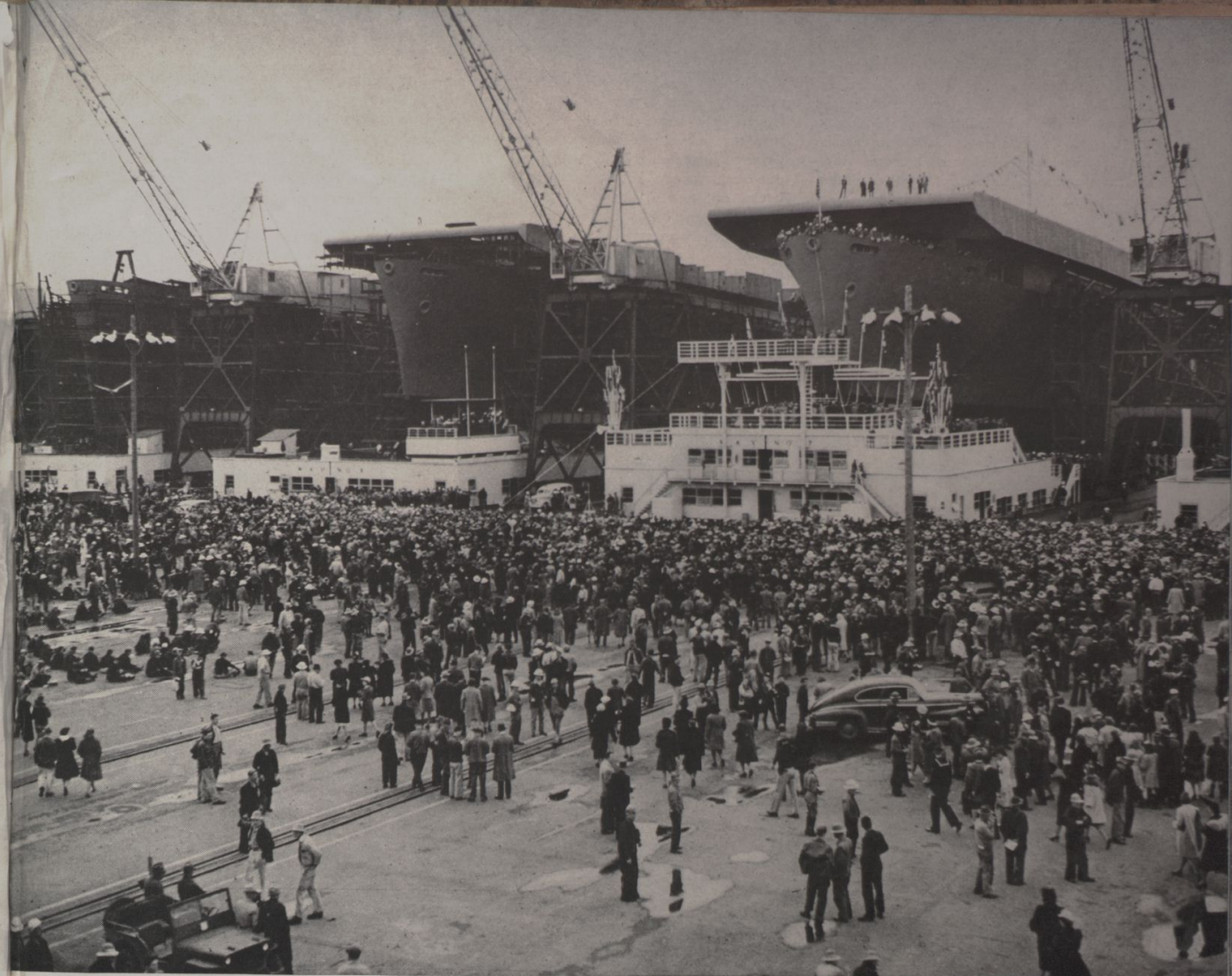
**(Continuação)**

fôrças armadas será de 10.800.000 homens, restando, portanto, 3.200.000 dentre os cidadãos fisicamente capazes, que poderão ser isentos do serviço militar. Dêsses, o trabalho agrícola, por ser considerado essencial, já absorveu 1.500.000. O restante ficará à disposição das autoridades que decidirão da sua isenção, conforme se apresentarem as necessidades, como no caso dos conscritos que têm ocupações especializadas nas fábricas e cujo trabalho é indispensável. A mobilização de fôrças armadas de tão grande efetivo e compostas de homens jovens está se realizando graças, em parte, ao fato de serem muitos dos serviços auxiliares entregues agora ao elemento feminino. Dessarte aumenta o número dos combatentes em todos os ramos das fôrças armadas do país.

No trabalho industrial e em numerosas outras atividades em que predominava o elemento masculino, a mulher também está contribuindo consideravelmente com toda a habilidade de que é capaz. A sua presença, já não é notada somente em fábricas e laboratórios, mas também em muitas profissões antes exercidas exclusivamente por homens, substituindo os mecânicos, os empregados de garage, os motorneiros de bondes, chofêres de taxis, etc. No decurso do último ano o número de trabalhadores a salário nos Estados Unidos passou de 50 milhões a quasi 60. Dêstes, 50 por cento, aproximadamente, dedicam-se ao trabalho de guerra, sendo que 40 por cento são mulheres.

A guerra tem desenvolvido bastante o trabalho doméstico, sobretudo o de costura. Centros organizados para ministrar os conhecimentos de tais trabalhos às donas de casa estão aliviando a dependência da produção industrial para muitos artigos de uso diário. Máquinas de costura são fornecidas naqueles centros para ajudar a todos quantos procuram reajustar a sua situação econômica às necessidades da guerra. O governo está animando a mais rigorosa economia não somente no uso de tecidos como também de vários artigos de uso caseiro.

De não menos importância está sendo também a contribuição do trabalho juvenil. Quasi 2.800.000 meninos e meninas menores de 18 anos estão ativos na lavoura e na indústria, em afazeres compatíveis com a sua idade. Numa fábrica de aeroplanos trabalham 1.500 meninos no serviço de montar e rebitar chapas metálicas e como assistentes de electricistas e desenhistas. Foi criada uma organização nacional composta de emprêsas que empregam operários de 14 a 21 anos. A uma das fábricas desse grupo, em Chicago, foi dada uma ordem para a fabricação de 150.000 cabides destinados ao exército e à marinha. Em duzentas outras cidades muitas indústrias estão funcionando com o trabalho de menores, que vão assim se familiarizando em numerosas



**Centenas** de operários de construção naval assistem o lançamento ao mar do porta-aviões auxiliar "Alazon" [à direita]; destinado ao serviço de escolta de combôis mercantes. O construtor naval Henry J. Kaiser, somente num mês, fez o lançamento de seis dêsses navios auxiliares, que estão contribuindo para diminuir os efeitos da campanha submarina



**Miss Ginger Disbrow**, que está fazendo o curso de piloto, breve estará a cargo do serviço de transporte de aviões



**A chegada** de um contingente de mulheres do Serviço Auxiliar do Exército, num acampamento em Michigan, para substituir nos serviços administrativos numerosos soldados que seguirão para as frentes de combate



**UMA NAÇÃO EM GUERRA (Continuação)**

atividades técnicas de grande proveito futuro, enquanto eles contribuem para o esforço de guerra. A grande operosidade industrial que se desenvolve em todos os Estados da União tem causado enorme movimentação do elemento humano. Em alguns casos, as necessidades da produção fabril deslocam numerosos núcleos de operários que vão superlotar outros centros, criando problemas urgentes de habitação e de transportes.

Como medida suplementar, numerosas concentrações de "trailers" — vagões rebocados por automóveis — estão servindo para resolver o problema das habitações. Em suas horas vagas, os operários dedicam-se à pequena horticultura, provendo-se de vários legumes e vegetais. A idéia aliás tem se alastrado geralmente pelo país e, mesmo nas cidades, o cultivo de hortas está crescendo, animado pelo apêlo feito pelo governo.

Essas hortas já alcançam um total de 16.000.000 e representam uma valiosa contribuição para minorar a crise que as imposições da guerra têm causado no consumo militar dos produtos da lavoura.

A guerra total tem generalizado seus reflexos em todas as esferas da vida do país. Quanto à defesa passiva, a população inteira tem correspondido com

o maior interesse às sugestões do governo no sentido de preparar-se para qualquer eventualidade. Exercícios de defesa anti-aérea têm sido feitos com frequência e com perfeita eficiência, mesmo numa populosa cidade como Nova York, que já permaneceu completamente às escuras durante uma hora inteira, com todo o seu tráfego paralizado.

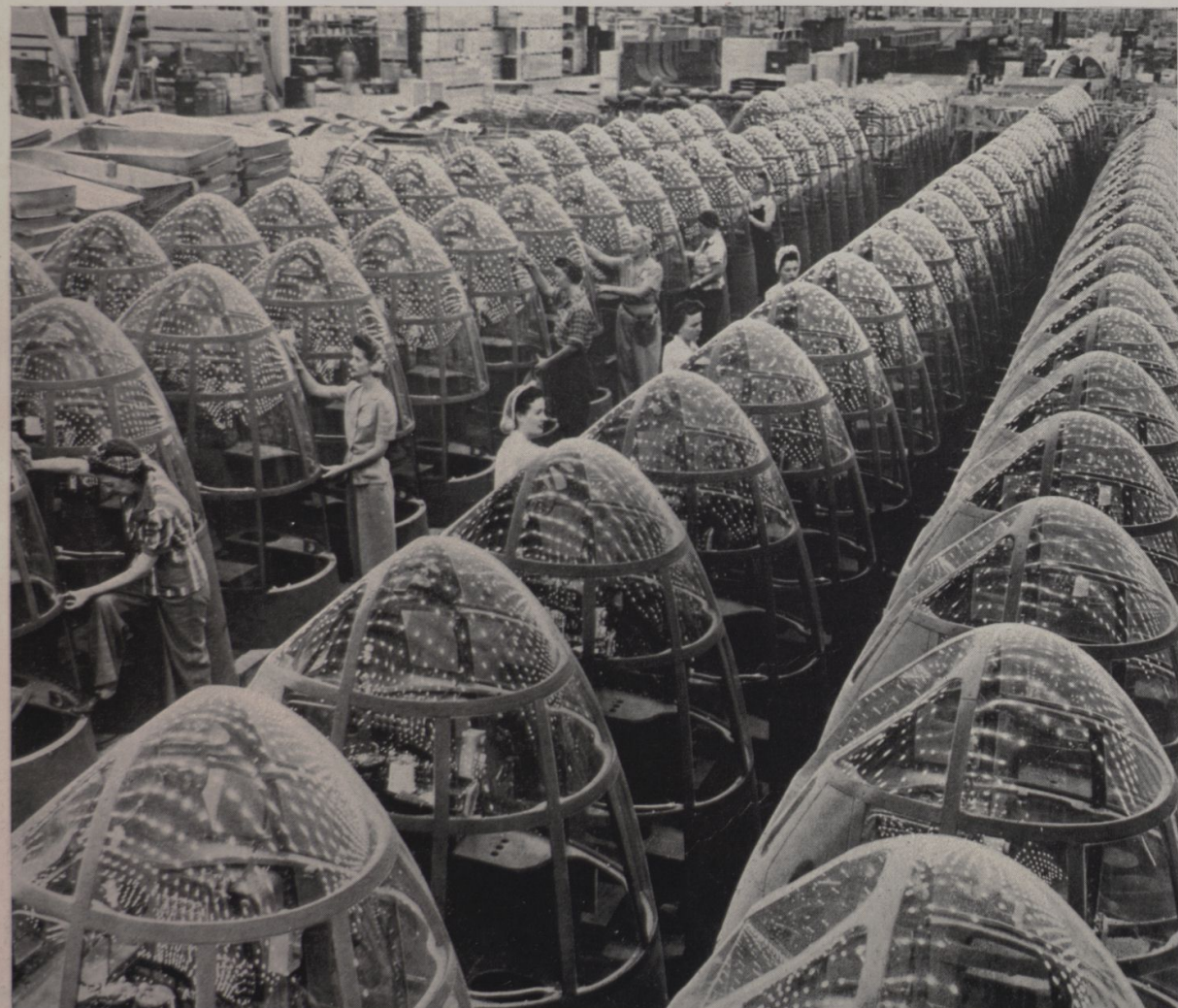
Os serviços médicos auxiliares de emergência e o de enfermagem estão organizados em todos os seus setores, sendo grande a concorrência de voluntários, de ambos os sexos, que se submetem aos diversos cursos especializados necessários. Os vigias anti-aéreos, que formam uma verdadeira legião, também de ambos os sexos, e os bombeiros voluntários constituem, no país inteiro, uma prova do espírito de cooperação que predomina em todos ante os perigos da guerra sem restrições.

No terreno econômico, a população norte-americana enfrenta com perfeita consciência a sua significação, o desenrolar dos fatos que tem afetado o consumo das subsistências. Doze por cento do total da produção dos alimentos, este ano, estão seguindo para os países aliados; três por cento são destinados às forças militares da nação, que estão atualmente em operações nas várias frentes da guerra.

Para isso, o governo está animando a produção, em crescente quantidade, dos produtos da pecuária e da lavoura, com o propósito de manter o equilíbrio entre o consumo de guerra e o da população civil. Não obstante, são inevitáveis as consequências do deslocamento causado pela mobilização total dos recursos da nação. A despeito do aumento considerável da produção, verifica-se, de vez em quando, a escassez da carne, e dêste ou daquele produto no mercado.

Isso se explica pelo fato de ter aumentado o consumo das subsistências não somente pelas forças militares, no país e no exterior, como também pela grande parte da população civil que atualmente se encontra no trabalho industrial de guerra. Há maior dispêndio de energia e, conseqüentemente, maior necessidade de nutrição. A tendência para alta que se verificou nos preços das subsistências foi um resultado do desequilíbrio entre a oferta e a procura.

O racionamento determinado pelo governo veio garantir uma distribuição equitativa e pôr cõbro a abusos. Um tabelamento rigoroso dos preços dos principais gêneros alimentícios suplementou a medida acauteladora dos interesses do público e deixou a certeza de que há alimentos bastantes para todos.



**Nesta** grande oficina de montagem de bombardeiros "Douglas" não há um único operário trabalhando. Todo o serviço está entregue a mulheres que estão se especializando em muitos detalhes que antes estavam a cargo exclusivamente de homens. Na indústria aeronáutica as operárias se encarregam atualmente de cinquenta por cento do trabalho de montagem



**Na lavoura,** assim como nas indústrias de guerra, as mulheres estão substituindo os homens em numerosos trabalhos. Aqui se vê uma delas, num campo em Wisconsin



**A falta** de habitações não impede que muitos trabalhadores nas cidades industriais resolvam o problema, recorrendo à moradia em "trailers", em campos apropriados nos subúrbios



**A escassez** de gasolina tem aumentado o serviço de bondes no transporte de operários. Aqui se vê um aspecto dêste tráfego para uma fábrica de aeroplanos



**Flagrante** de uma rua em Washington, atualmente, à hora de terminar os trabalhos. A guerra causou a superlotação de todas as repartições públicas e de numerosas habitações



**Michele Mola** é aqui o chefe da turma de mulheres que está trabalhando no serviço de conservação de uma linha férrea, onde o elemento masculino está escasso



**Antes** de serem "passados a prontos" como combatentes, os soldados empregados no serviço do expediente militar explicam o trabalho às suas substitutas femininas durante a guerra





**A reunião** da Conferência de Nutrição e Agricultura, em Hot Springs, onde os representantes de 45 Nações Unidas e Associadas iniciaram os planos para a organização agrária, numa base de cooperação universal, afim de atender às necessidades de todos os povos. Esta é a primeira vez que as nações do mundo se congregam para estudar esse problema

# A CONFERÊNCIA DOS ALIMENTOS

Os representantes de quarenta e quatro nações, reunidos na Conferência de Nutrição e Agricultura realizada em Hot Spring, Virgínia, em Maio e princípios de Junho, para estudar os problemas mundiais concernentes ao assunto, declararam a sua convicção de que o objetivo das Nações Unidas é livrar todos os povos da privação das substâncias necessárias à sua saúde e ao bem-estar.

A Conferência, que é a primeira que as Nações Unidas realizam sobre o problema das substâncias, compareceram 400 delegados e consultores técnicos, aproximadamente, representando um conjunto de população de 1.600.000.000 de habitantes, ou sejam, três quartas partes dos habitantes do globo. Todas as Repúblicas Americanas fizeram-se representar, com exceção da Argentina. Aos países participantes os delegados à Conferência fizeram as seguintes recomendações:

1. A primeira tarefa é ganhar a guerra e libertar milhões de seres humanos da tirania e da fome. Durante o período crítico de escassez que há-de se fazer sentir depois da guerra, o espectro da fome poderá se evitado somente por meio de esforços urgentes para economizar no consumo, aumentar a produção e melhorar a distribuição.

2. Devemos, portanto, conjugar nossos esforços para nos livrarmos do temor e da privação. Não se consegue uma coisa sem a outra.

3. Nunca houve no mundo substâncias disponíveis para a satisfazer às necessidades elementares nutritivas de todos. Isso não se justifica nem pela ignorância nem pelo rigor da natureza. A produção de víveres deverá ser aumentada consideravelmente e já dispomos de conhecimentos bastantes para realizar esse desiderato. Do espírito de iniciativa e da firmeza de vontade de cada governo depende a aplicação útil desses conhecimentos.

4. E' na pobreza que se encontra a verdadeira causa da fome e da má nutrição. Será inútil produ-

zir mais alimentos se a humanidade não criar os mercados que deverão absorvê-los. Torna-se necessária uma expansão da economia do mundo inteiro, capaz de proporcionar a todos um regime alimentar apropriado, através de uma capacidade aquisitiva suficiente. Com o trabalho acessível a todos que desejam trabalhar, com uma produção industrial ampliada, com a supressão da exploração, com o desenvolvimento do intercâmbio comercial interno e internacional, com a administração sensata das inversões de capital e do curso das moedas nacionais e internacionais e com a manutenção do equilíbrio econômico em cada nação e no conjunto das nações, as substâncias produzidas pelo mundo poderão estar ao alcance de todos os povos.

5. Cada nação tem o dever primordial de prover o seu próprio povo com a nutrição indispensável à saúde e à vida; e cada nação deverá tomar as medidas necessárias a esse fim. Contudo, nenhuma nação poderá alcançar a realização desse propósito se todas as nações não colaborarem mutuamente.

6. Recomendamos aos nossos respectivos governos o estudo e a adoção das conclusões e recomendações da Conferência e instamos na imediata discussão, em conjunto, dos problemas correlatos que estão fóra do alcance desta Conferência.

7. Os primeiros passos para prevenir a privação não devem aguardar a solução final de todos os demais problemas. Cada passo que se der num terreno já trilhado, vigorará e acelerará a avançada em todos os demais. O trabalho que já está começado deverá ser continuado. Depois que ganharmos a guerra, medidas decisivas poderão ser tomadas. Mas devemos nos preparar desde já."

Quanto ao quinto capítulo da declaração, os delegados recomendaram que os respectivos governos adotassem medidas eficazes para melhorar o regime alimentar das famílias de prole numerosa e de poucos recursos, assim como para dar assistên-

cia às parturientes e aos recém-nascidos, às crianças em geral e aos trabalhadores que dispõem de poucos recursos.

A Conferência recomendou a criação, em Washington, de uma comissão provisória para formular os planos que deverão ser apresentados aos respectivos governos no sentido de ser estabelecida uma organização permanente para estudar os problemas relativos à nutrição e à agricultura. Ficou entendido que tal organização deverá atuar como um centro de informações e de assistência técnica para os problemas de nutrição e de agricultura, devendo dispor de um serviço estatístico de caráter internacional.

A Conferência não cogitou de formular os detalhes atinentes ao alcance e às funções que terá a organização permanente, mas houve completo acôrdo quanto aos seus objetivos fundamentais. Em discurso dirigido aos delegados, por ocasião do encerramento dos trabalhos da Conferência, declarou o Presidente Roosevelt:

"Nosso propósito pode ser exposto simplesmente: queremos criar para nós mesmos, para toda a humanidade, um mundo em que todos possam viver em paz, e trabalhar com proveito, ganhando o suficiente para as suas necessidades e dos seus; em que seja garantida a liberdade de associação, a liberdade do pensamento e a liberdade dos cultos; em que a morte dos pais não deixem os filhos ao desamparo e em que todas as gerações encontrem as mesmas oportunidades para desfrutar uma existência útil e proveitosa.

Tal objetivo, bem sabem os homens, pela sua grande e amarga experiência, não poderá ser alcançado facilmente. Mas bem sabeis, tanto quanto eu, que em toda a história da humanidade ainda não houve uma tentativa de maiores desígnios nem que despertasse maiores entusiasmos. Ela há-de frutificar da ação coordenada de todas as nações.



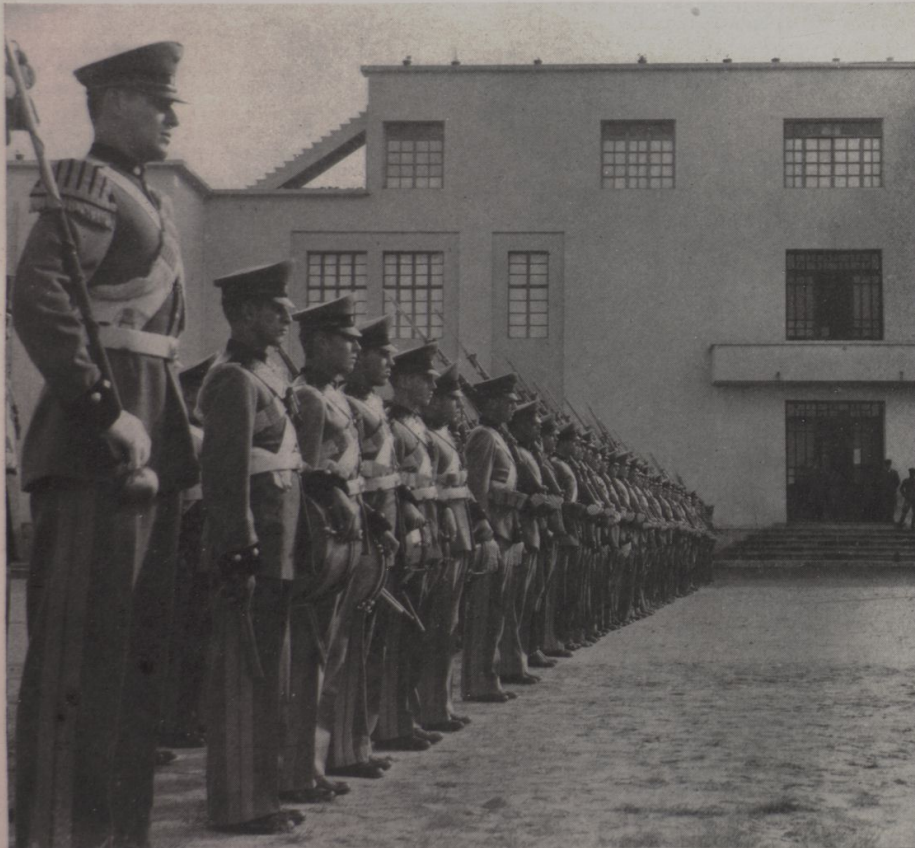
**Durante** o intervalo das sessões, os delegados se reúnem no jardim do Homestead Hotel, onde se realizou a conferência, para trocar ideias. Outras conferências dos líderes das Nações Unidas e Associadas serão realizadas para tratar de vários outros problemas que afetarão a todas, no período posterior à guerra, e que exigem estudo técnico especializado



# Equador...



O Palácio da Municipalidade, em Guayaquil. Além de ser uma das maiores e mais modernas cidades e o principal porto de mar do Equador, Guayaquil é também o maior centro industrial do país. É uma cidade bem planejada, com um perfeito serviço sanitário e belos edifícios



Em contraste com a arquitetura clássica dos edifícios mais antigos do Equador, a Escola Militar de Quito é simples, em suas linhas modernas e severas que satisfazem os seus fins. Os cadetes recebem rigorosa instrução militar, com moderno equipamento de todas as armas



Nêste vale, perto de Quito, está a famosa igreja de Guápulo, construída há trezentos anos, depois que uma jovem índia teve a visão de uma igreja nêste local. É um dos templos mais antigos e dos mais interessantes, dentre as numerosas igrejas existentes no país. O povo equatoriano é tradicionalmente católico

A República do Equador, em cujas tradições históricas predomina o inextinguível zelo do seu povo pela liberdade, está na vanguarda dos países produtores de materiais estratégicos para a vitória. Em suas ricas matas, os aliados estão se abastecendo da madeira extremamente leve — a balsa — utilíssima na fabricação dos modernos aviões de bombardeio "Mosquitos", circunstância que tem aumentado consideravelmente o raio de ação dos raids diurnos dos aliados contra a Alemanha. Do seu opulento solo, numerosos outros produtos, dentre os quais avulta a borracha, estão avigorando a capacidade bélica das Nações Unidas.

Poucos países excedem, em clima, topografia e em recursos naturais, a variedade que se observa no Equador. Dentro de suas fronteiras, ao longo de uma costa tipicamente tropical, se alastram terras fertilíssimas que avançam pelas ilhargas da cordilheira andina, encimadas por picos nevados que atingem até 6.500 metros acima do nível do mar. Quito, a sua bela e pitoresca capital, está situada a 3.100 metros de altitude na cordilheira dos Andes; Guayaquil, a sua segunda grande cidade, é um importante porto de mar, à margem do rio Guayás, da famosa reentrância do Pacífico.

Graças à variedade do seu solo, os produtos que constituem a economia do Equador são também variados. Dessarte, tornou-se fácil passar para uma produção mais ativa de materiais que se enquadram nas necessidades mais imediatas da guerra. A cultura do café, do cacáu e das frutas são sofreu interrupção; foi dado apenas um maior impulso à produção de madeiras, do arroz e da borracha.

Sob a liderança do seu presidente, Dr. Carlos Arroyo del Rio, o Equador teve a sua economia convenientemente reajustada à situação decorrente da guerra. Suas florestas naturais da madeira balsa, desde 1927 foram aumentadas com o plantio racional de acôrdo com um programa de silvicultura nacional. A balsa tem prioridade acima de todos os demais produtos equatorianos, devido à sua importância na construção de aeroplanos, de salva-vidas e de balsas salva-vidas, sendo o Equador o maior fornecedor dessa madeira.

O arroz é um outro exemplo da cultura sistematizada da lavoura do país. O governo, em 1925, animou a sua produção, como medida de precaução, depois da desastrosa safra do cacáu, atingido por uma das piores pragas da lavoura. As terras baixas ao longo da costa prestaram-se magnificamente para o desenvolvimento dos novos arrozais. Em 1927, a sua

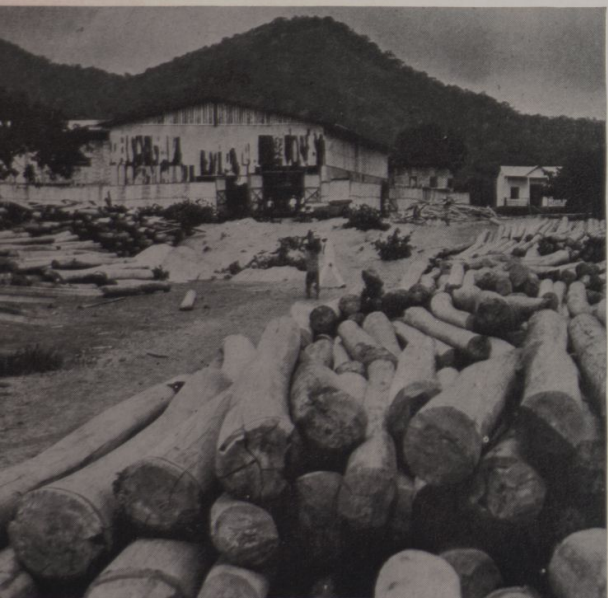


O Presidente C. Arroyo del Rio, do Equador, saudado pelos cadetes equatorianos de aviação durante a sua visita aos EE. UU.





Cercada por sete altaneiros picos andinos, Quito—a capital do país, é um tesouro de alguns dos mais belos exemplos ainda existentes da arquitetura colonial



O Equador é o maior produtor da madeira "balsa", de grande aplicação, pela sua leveza, na construção de aviões, de salva-vidas e de balsas salva-vidas



Caroços de cacáu secando ao sol. Esse é um dos principais produtos com que o Equador está contribuindo para a nutrição das forças combatentes das Nações Unidas em tôdas as frentes

**(Continuação)**

safrã foi tão volumosa que deu para satisfazer às necessidades internas e para considerável exportação. Em 1942, a safra do arroz excedeu tôdas as cifras anteriores, exatamente quando o produto entrava em crise em importantes mercados estrangeiros que dependiam principalmente da produção da Birmânia e da Indo-China.

O Equador conservou ativa, conquanto em pequena escala, a sua indústria extrativa da borracha durante o período em que predominou o artigo procedente das Índias Ocidentais. Mas logo que a guerra provocou uma maior procura do produto, as fontes equatorianas da borracha aumentaram rapidamente de volume. Em 1942, o total da sua exportação bateu todos os redordes anteriores. Em Julho do mesmo ano, foi assinado, entre o Equador e os Estados Unidos, em Washington, o Convênio da Borracha, segundo o qual os Estados Unidos se comprometeram a comprar, durante um período de cinco anos, todo o excesso do produto equatoriano. Grande número de trabalhadoras que antes se dedicavam a atividades menos essenciais, passaram imediatamente a trabalhar nos seringais do país.

Outros produtos, importantes também, constituem uma notável contribuição do Equador para o esforço bélico das Nações Unidas. Há o cacáu, por exemplo, de grande valor nutritivo, usado geralmente pelos combatentes em tôdas as partes do mundo; a casca la chinchona, de que se extrai a quinina, essencial no combate à malária, nas zonas tropicais; os óleos vegetais, as fibras e as castanhas tãgua, todos produtos de aplicação industrial necessária para a prossecução eficaz da guerra.

Ao regressar de sua visita a várias Nações Americanas, assim se referiu o Vice-Presidente Henry A. Wallace ao esforço de guerra do Equador:

"Como que contemplo a ação dos aviões "Mosquitos" — os bombardeiros mais velozes do mundo — com que os ingleses estão atormentando a Alemanha, semanas a fio, com admirável eficiência. Vem-me então à mente o espetáculo que presenciei no Equador — o das toras dessa madeira, a balsa, mais leve do que a cortiça, empregada na construção dos "Mosquitos". Vejo aquelas toras flutuando graciosamente, rio abaixo, ao sabor das águas do Guayás, seguindo para as serrarias em Guayaquil. Vejo-as sendo retiradas das águas, por trabalhadores, sempre alegres na sua intensa atividade, todo santo dia, a despeito do calor úmido da região. O trabalho é feito com uma presteza e habilidade de significação especial para todos nós, norte-americanos, que temos nossos filhos nas frentes de batalha".



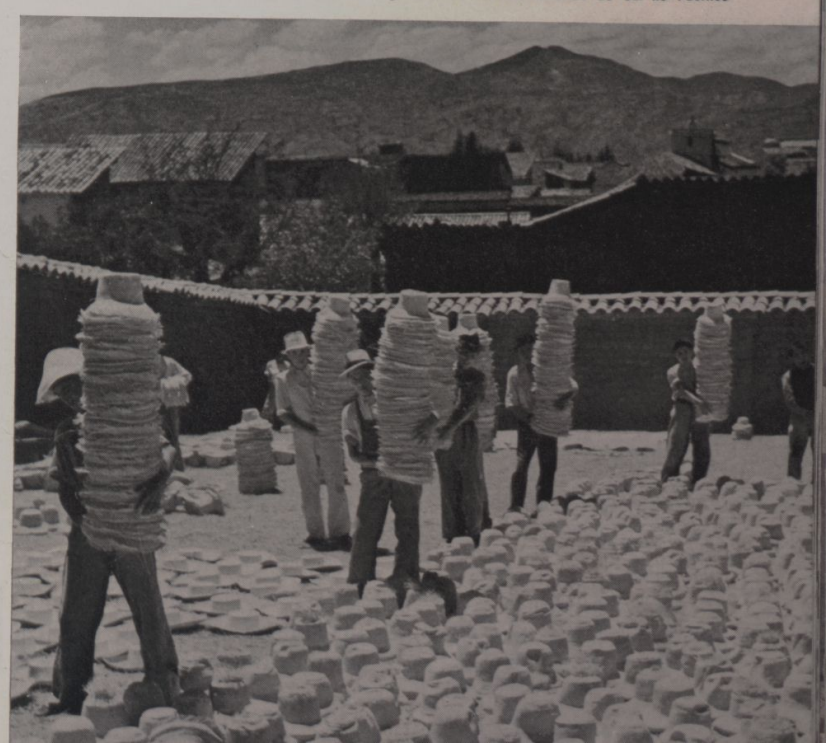
No porto de La Libertad, na costa do Pacífico, onde se vê uma das refinarias de petróleo. Aqui o óleo cru, procedente do campo petrolífero de Ancon é refinado para satisfazer às necessidades do mercado interno



Uma vista do movimentado porto de Guayaquil, o mais importante do Equador. A cidade está situada na embocadura do rio Guayas, que deságua no maior golfo da costa da América do Sul no Pacífico



Um aspecto da região setentrional do Equador. Aí se desenvolve a criação de vacas leiteiras e da indústria de laticínios



Chapéus panamás, um dos artigos de grande vulto na exportação do Equador, ao serem expostos ao sol, depois de serem tratados a enxofre e cola. Esta fábrica, em Cuenca, é a maior





Um aspecto do desembarque das tropas dos Estados Unidos nas Ilhas Adreanof, onde estabeleceram bases aéreas para bombardear as posições dos japoneses na ilha de Attu. Dessas bases, a aviação apoiou também o assalto das forças que expulsaram os japoneses da ilha de Attu. Todas essas ilhas estão no Arquipélago das Aleutas

# AS VIAS PARA TÓQUIO

PARA contrapor à expansão do Japão no Pacífico e na Ásia estende-se atualmente, por terra e mar, uma frente de batalha de 30.000 quilômetros. Daí estão sendo lançados os ataques que hão de comprimir as forças inimigas até os seus últimos

redutos. E' uma frente que corta duas vezes o equador e na qual se encontram todos os climas, desde o frígido e nevoento das ilhas Aleutas, no extremo norte, até os variantes das regiões da Austrália, da Índia, da China e da Oceania. Tanto os combaten-

tes da zona sub-ártica, como aqueles que lutam nas regiões tropicais, todos têm o mesmo desígnio de avançar e circunscrever o inimigo, até que os ataques sejam lançados contra o próprio arquipélago do Japão. Numerosas foram as batalhas que pre-

cederam a estabilização dessa extensíssima frente. Houve as grandes batalhas da ilha de Midway e do Mar de Coral, em que os japoneses recuaram derrotados, sofrendo perdas consideráveis; houve as lutas encarniçadas nas regiões montanhosas da





O desembarque de barcas destinadas às operações que terminaram na completa vitória das tropas americanas contra os japoneses, na estratégica ilha de Attú



Completamente carregadas, as barcas seguem para a ilha, conduzindo equipamento de toda sorte. Os soldados se acautelam contra qualquer tiro que possa partir da praia

Todo o equipamento necessário às forças expedicionárias americanas é colocado no litoral. O alto-falante serve para fazer as comunicações com as barcas



(Continuação)

Nova Guiné, sob os rigores de um calor úmido tropical, que custaram ao inimigo 25.000 homens; os memoráveis recontros de Guadalcanal, nas ilhas de Salomão, onde os japoneses perderam 40.000 homens e 1.100 aviões e, por fim, a formidável defesa na Índia e a longa luta dos chineses para sustar, como têm feito, maiores avançadas dos japoneses no continente asiático.

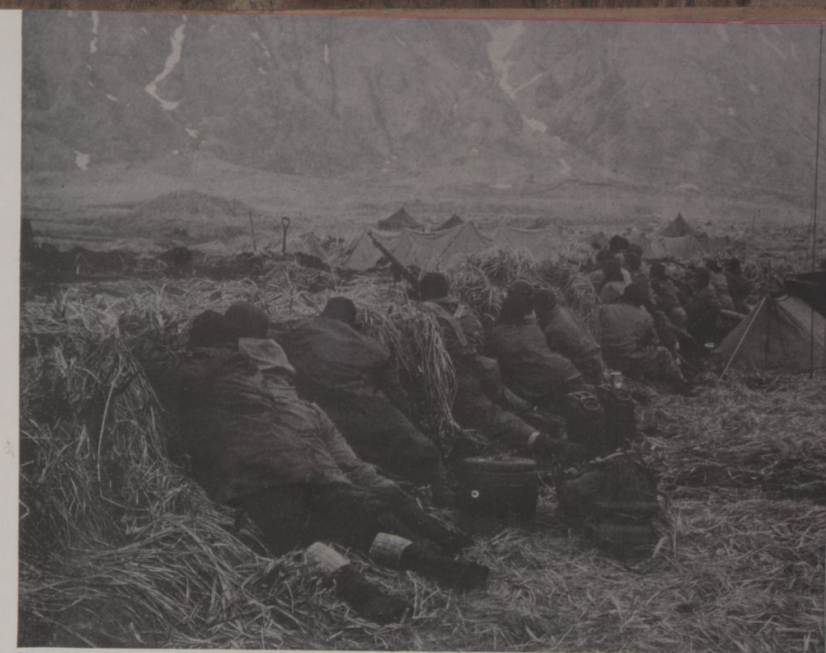
Contudo, no princípio deste ano, o inimigo continuava a dispor de bases num conjunto que, partindo de Tóquio, se irradiavam por todos os mares, numa extensão de mais de 4.000 quilômetros. E apesar de estar parte do território chinês a 2.000 quilômetros da capital japonesa, as vias de abastecimentos para a China, com exceção das vias aéreas e do difícil percurso por terra, pelo noroeste, estavam cerradas quando os japoneses invadiram a Índochina, a Tailândia e a Burmânia. Dentro da área marítima controlada pelo Japão, os submarinos americanos já afundaram, entretanto, mais de 200 navios inimigos e a aviação dos aliados não cessa nos seus efetivos ataques contra os postos avançados dos japoneses. Contudo, fazia-se necessário consolidar vários pontos de apoio para lançar a ofensiva cujo objetivo máximo é destruir a resistência no próprio Japão e extirpar o seu regime militarista.

Uma nova avançada foi, pois, iniciada ao norte. Em Janeiro, tropas dos Estados Unidos, apoiadas por unidades da esquadra, ocuparam a ilha de Amchitka, a 115 quilômetros apenas da base principal do inimigo situada na ilha de Kiska, do arquipélago das Aleutas. Em Amchitka a força de desembarque não encontrou oposição e deu início, imediatamente, com modernos maquinismos, à preparação do difícil terreno, para a construção de uma base aérea. Do aeródromo, então construído, no espaço de quinze dias, os bombardeiros e os aviões de combate começaram a sua ação preparatória, sob adversas condições de tempo, contra a ilha de Kiska. Durante dois meses foram realizados 200 raids que infligiram tremendos danos à base que os japoneses tinham capturado em Junho do ano passado, depois de terem sido repellidos no seu ataque contra o estratégico ponto na costa do Território do Alaska — Dutch Harbor.

Com a guarnição inimiga em Kiska sujeita ao severo bombardeamento aéreo, os americanos, num conjunto de forças de terra e mar fizeram a sua avançada de 275 quilômetros, em direção ao este, em Maio último, para expelir o inimigo da sua segunda base insular nas Aleutas — a de Attú. Em dois pontos estratégicos locais foram feitos os desembarques, em Blind Cove, situada na baía de Holtz, ao nordeste, e na baía de Massacre, ao sudeste. A despeito da dificuldade das operações em terra, sobre terreno escarpado e rochoso, os assaltantes empenharam-se em luta árdua, com pequenas armas e granadas de mão. As duas colunas invasoras avançaram até o extremo este da ilha, quasi inhabitável, cuja superfície é de 56



O major-general Simón Bolívar Buckner, comandante em chefe da defesa do Território do Alaska, a bordo de um avião de bombardeio, durante uma recente inspeção às ilhas Aleutas



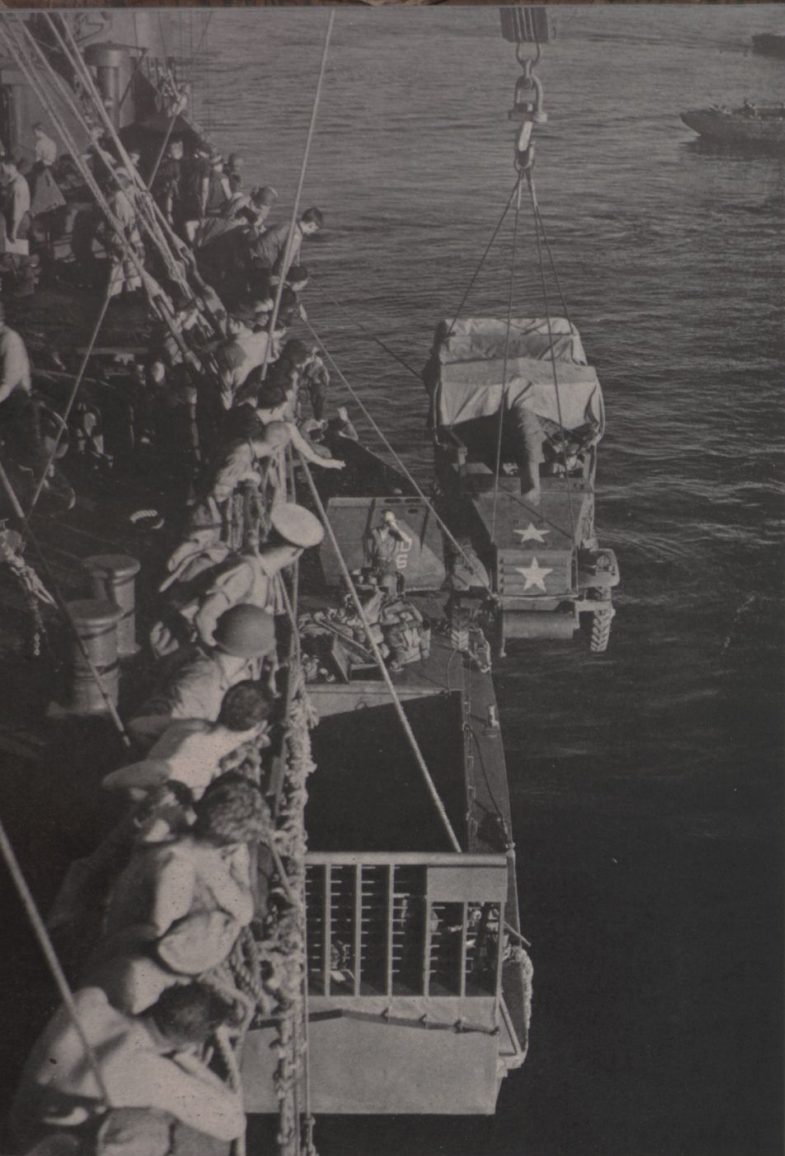
Uma vez em terra, as tropas preparam-se para dar início ao ataque, de acordo com a natureza do terreno. As forças japonesas abrigavam-se principalmente em excavações e nos túneis cavados na rocha viva



De um posto avançado em Attú, soldados americanos carregam para a retaguarda um dos seus feridos. Note-se a natureza acidentada do terreno em que foi feita a campanha. Em baixo: O acampamento do exército americano na ilha de Amchitka, a este de Attú. Esta ilha foi ocupada no inverno passado e serviu de ponto de apoio para o assalto e ocupação da ilha de Attú, onde os japoneses estavam instalados há um ano







Um auto-caminhão blindado, com o seu chofér a postos, é desembarcado para entrar em ação numa ilha na zona do sul do Pacífico. Em baixo: Tropas dos Estados- Unidos avançando pelo interior da Nova Guiné. Nessa região as condições do terreno são as piores possíveis. A avançada pelas matas espessas, sob o calor úmido dos trópicos abate os mais resistentes. Não obstante, as tropas norte-americanas não têm esmorecido



**(Continuação)**

quilômetros. As forças de mar e as aéreas mantiveram-se em ação coordenada contra as posições inimigas onde se fazia sentir maior resistência. Aos poucos, porém, os japoneses, foram sendo comprimidos para o litoral, onde se congregaram em pequenos pontos, já incapacitados de evitar a sua sistemática destruição.

A ocupação da ilha de Attú veio permitir que a aviação americana pudesse bombardear a outra base inimiga, em Kiska, partindo de Attú propriamente e da ilha de Amchitka. Trouxe ainda essa vitória a vantagem de colocar ao alcance dos aviões americanos a base naval japonesa de Paramushiru, a 1.224 quilômetros ao sudoeste de Attú. Essa base, que fica a três quilômetros apenas da península asiática de Kamchatka, está situada na ilha do extremo norte do arquipélago das Kurilas, formado de 32 ilhas que, por sua vez, se estendem até poucos quilômetros do arquipélago japonês. Tóquio está a 3.208 quilômetros a sudoeste de Attú — muito além do alcance de vôo dos bombardeiros, em raids de ida e volta. Mas partindo de Attú, os aviões podem bombardear a capital japonesa e seguir diretamente, aterrissando em território não-ocupado pelos japoneses na China.

Na região central do Pacífico, as forças navais e aéreas dos Estados Unidos com base nas ilhas de Hawaii e de Midway, estão com o seu poder ofensivo consideravelmente aumentado. Já atacaram a ilha de Wake e outras em poder dos japoneses e, mais ao sul, se apoderaram dos novos postos avançados, em Funafuti e nas ilhas Ellice, para garantir as vias marítimas da Austrália. O major-general Willis H. Hale, que dirigiu o ataque aéreo contra as ilhas de Tarawa e de Nauru, dominadas pelos japoneses, no grupo das ilhas Gilbert, declarou: "Não é nenhum segredo que esses raids constituem um prelúdio da ofensiva dos Estados Unidos numa grande área do Pacífico. O fato de poderem os nossos bombardeiros alcançar tais bases japonesas, tão distantes, significa que podemos destruir pelo ar a sua defesa. Os bombardeiros estão preparando o terreno para a futura captura de bases inimigas, e fazê-lo recuar cada vez mais dos seus postos avançados."

Os maiores raids realizados na área do Pacífico foram levados a efeito no sudoeste, de bases situadas na Austrália, na Nova Guiné e na ilha de Guadalcanal. Os bombardeiros cruzaram os mares tropicais em seus ataques contra os transportes dos japoneses, contra seus portos, aeródromos e depósitos de material bélico nas Índias Holandesas e noutras ilhas. Esses bombardeios tiveram o duplo propósito de fazer recuar o inimigo e de impedir que o mesmo explorasse os vastos recursos em seu poder. Para o Japão não há pior perspectiva.



Material bélico sendo desembarcado numa enseada, nos águas do Pacífico. Daí, o transporte é feito em auto-caminhões



Ao cair da tarde na imensidão do Pacífico. Uma força naval, no serviço de patrulhamento das linhas de navegação dos aliados, as quais se estendem num vasto semicírculo, desde o continente norte-americano até as ilhas que ficam ao largo da costa do continente asiático. Os japoneses vêm-se cada vez mais impossibilitados de atacar nessa enorme área





**Os membros** da Junta de Defesa visitam uma das fábricas de aviões Vultee. Da esquerda para a direita: Major S. Cobián, Rep. Dominicana; Coronel O. Moscoso, Bolívia; Miss D. Waterfall, Coronel H. Prado, Nicarágua; Major E. Mendez Soto, Costa Rica; Major B. R. Greene, EE. UU.; Chefe de esquadrilha aérea T. Ruiz-Diez, Chile; G. C. Younglove, Vultee; Major C. C. Valle, EE. UU.; Coronel A. Parodi, Argentina;

Tte. Coronel E. H. Chapman, EE. UU.; Coronel A. Revoredo, Perú; H. Fifield, Vultee; H. Fenwick, Vultee; Gral. de Brigada A. E. Mújica, Chile; D. W. Balfour, Vultee; Tte. Coronel J. Rovira, Paraguái; Capt. H. L. Stone Jr., EE. UU.; Coronel A. de S. M. Ararigboia, Brasil; Tte. Coronel A. Paladino, Argentina; Capt. W. H. Yaeger, Jr., EE. UU.; Coronel Medardo Farias, Uruguái; Tte. John Pumyea, EE. UU. e J. Dyer, Vultee

# COOPERAÇÃO NA DEFESA

Os chefes militares de alta patente que representam as vinte e uma Repúblicas Americanas na Junta Interamericana de Defesa prosseguem no estudo dos planos de defesa do Hemisfério Ocidental. Essa Junta foi criada na Terceira Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores realizada no Rio de Janeiro, e tem permanecido em sessão contínua, em Washington, desde o dia 30 de Março de 1942. Durante o seu primeiro ano de trabalhos, tem prestado a seu concurso técnico aos estados-maiores do exército e da marinha das Nações Americanas, em matéria de defesa terrestre, naval e aérea, e da proteção ao tráfego marítimo mercante. Tem também preparado numerosos filmes sobre instrução militar para distribuição entre as forças armadas das Repúblicas Americanas. Grande parte de suas atividades específicas, entretanto, constituem segredos militares.

O trabalho da Junta é parte da constante colaboração entre as Repúblicas Americanas. Seus chefes militares, navais e aeronáuticos, que desempenham cargos de responsabilidade, têm estado, lá mais de um ano, em constante contato mútuo quase diário, por meio da Junta e têm, assim, deliberado acerca dos problemas comuns da defesa do Hemisfério.

Ocasionalmente, os delegados aproveitam a circunstância da sua estadia nos Estados Unidos, para fazerem utilíssimas visitas aos estabelecimentos militares, navais e aéreos nos Estados Unidos, mantendo-se, por isso, informados a respeito dos últimos aperfeiçoamentos bélicos relativos à guerra moderna. Dentre os pontos de interesse já visitados destacam-se o Centro de Preparação da Aviação Naval dos Estados Unidos, em Jacksonville, na Flórida; a Escola de Infantaria e a Escola de Aspirantes a Oficiais, em Fort Benning, Geórgia; o Arsenal de Marinha de Brooklyn, o supercourageado *Iowa* e o Arsenal de Guerra de Edgewood, em Maryland. Durante as manobras militares, vários delegados acamparam juntamente com os oficiais norte-americanos, tendo assim verificado o que está sendo atualmente a sua intensa preparação militar.



**Depois** de terem feito uma sista ao Arsenal de Marinha de Brooklyn, os membros da Junta Interamericana de Defesa fazem um percurso de prova a bordo de uma velocíssima lancha torpedeira do tipo PT, nas águas do porto de Nova York. Da esquerda para a direita: General de brigada L. Alamillo Flores, do Exército mexicano; coronel Ed. H. Porter, do Exército e o tenente A. W. Laidlaw, da Armada, ambos dos EE. UU.



**Os comandantes** Immanuel Holger, do Chile, e Alberto D. Brunet, da Argentina, a bordo de um dos supercourageados norte-americanos recentemente incorporados à esquadra. Os delegados à Junta Interamericana de Defesa estão agora intimamente familiarizados com o moderno material bélico das forças armadas dos Estados Unidos



**Nesta** visita feita pelos delegados ao Arsenal de Edgewood tiveram eles ocasião de observar os últimos progressos em matéria de guerra química. O major Herman Barón, do Exército de São Salvador, um oficial norte-americano e o tenente-coronel Ernesto Buenaventura, do Exército colombiano, vêem a montagem de máscaras anti-gasogenas



**O coronel** Augustín Albán Borja, do Equador, e o major Salvador Cobián, da República Dominicana, examinam um avião "Vengeance" de bombardeio de mergulho, durante a sua visita a uma fábrica de aeronáutica em Nashville, onde os oficiais da Junta de Defesa tiveram ocasião de apreciar o moderno material das forças aéreas dos EE. UU.



**Vários** membros da Junta de Defesa, trajando impermeáveis para se resguardarem do forte vento e dos salpicos da água do mar, regressam ao porto, depois de assistirem uma demonstração das características do tipo mais veloz de lanchas-torpedeiras de patrulha. Da esquerda para a direita: Capitão Manuel Gómez Mancada, do México; capitão Jorge R. Boucherie, da Argentina; tenente Felipe Cadenas, de Cuba; capitão Luis R. Piñeiros, do Equador, o tenente Raymond H. Jensen, dos Estados Unidos

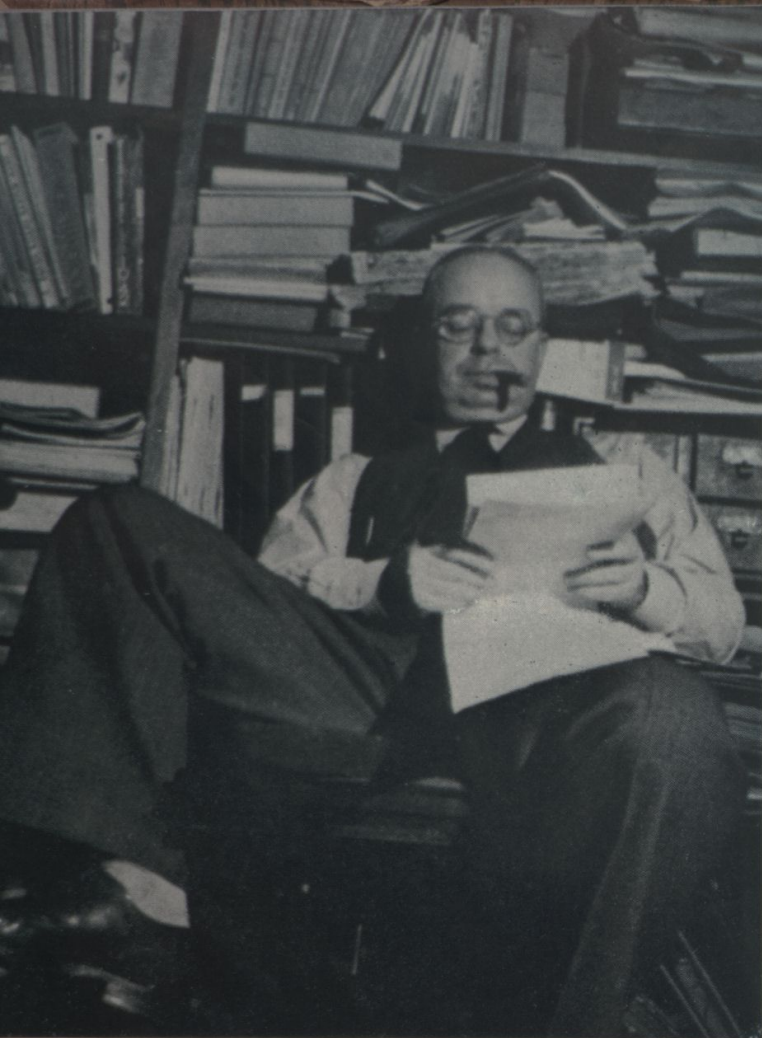


**Apreciando** os filmes sobre instrução militar para os exércitos das Repúblicas Americanas. Da esquerda para a direita: Coronel B. Arosemena, do Panamá; coronel R. B. Laroche, do Haiti; tenente-coronel S. C. de Albuquerque Lima, do Brasil; tenente-coronel J. Sarmiento, do Perú; tenente-coronel J. Rovira, do Paraguái; coronel M. Farias, do Uruguái; major S. Cobián, da Rep. Dominicana; coronel F. Castellanos, da Guatemala, major H. Barón, de São Salvador e coronel A. Parodi, da Argentina



**Os delegados** em palestra com o comandante de um dos destroyers norte-americanos que há bastante tempo estão em atividade na guerra anti-submarina no Atlântico. Da esquerda para a direita: General de brigada B. Winship, coordenador da Junta Interamericana de Defesa; contra-almirante Enrique A. Labarthe, do Perú; comandante H. S. Habacker, do destroyer americano; coronel F. Castellanos, da Guatemala; coronel H. Prado, da Nicarágua e coronel J. J. Parra, da Venezuela





Como editor e redator do "Farmville Herald", Joseph Barrye Wall tem mantido seus leitores bem informados sobre as notícias locais, em tempo de paz e em tempo de guerra. Seu escritório-redação é um canto da sala onde ele tem suas estantes e arquivos. Em baixo: Em Farmville, a maioria dos estabelecimentos comerciais estão na Rua Central, característica via pública das vilas e cidades pequenas nos Estados Unidos



## JORNALISTA DO INTERIOR

OS pequenos jornais semanais são um valioso guia no esforço de guerra, para milhões de habitantes que vivem na zona rural e vilareja nos Estados Unidos. Dão informações oportunas a respeito das mudanças nas tabelas de preços dos gêneros alimentícios e da variação do número de "pontos" necessários à compra dos produtos sujeitos ao racionamento; promovem campanhas para a coleta de ferro velho e de gorduras, de uso na fabricação de armamentos e de munições e campanhas para angariar donativos para a Cruz Vermelha ou para a subscrição pública de títulos dos empréstimos de guerra. Em suas colunas acentuam-se também as vantagens do uso de substitutos, em face da crise de certos produtos escassos, ou a maneira mais prática de fazer roupas em casa. Publicam notícias de outros pontos do país, dando informações a respeito da sua atividade nos trabalhos de guerra e mantêm seus leitores sempre ao par do que estão fazendo os filhos da terra, que se acham nas forças armadas no país ou no estrangeiro.

Farmville, no Estado de Virgínia, é uma vila caracteristicamente americana, de 3.475 habitantes, e também tem o seu jornal — o *Farmville Herald*. É um centro agrícola de bastante operosidade. Tem quatro igrejas, um colégio para a formação de professores, 21 armazéns de secos e molhados e açougues, cinco armarinhos e lojas de roupas feitas, seis drogarias, com uma variedade de outros artigos à venda, um cinema, uma sapataria, uma fábrica de calçados, uma fábrica de cabos de arados e uma fábrica de fumo.

Joseph Barrye Wall, de 45 anos, tem sido o editor e proprietário do jornal desde 1921. É filho da terra e estudou no Colégio Hampden Sydney, numa cidade vizinha. Conhece quase todos os moradores da vila e muitos dos agricultores numa área de muitos quilômetros nas imediações. Em seus dias de trabalho, Wall chega às 8.15 ao seu escritório, situado num edifício de dois andares, em rua transversal à rua principal. A essa hora, a vila já está em atividade.

Durante uma hora ou duas ele estabelece o plano do dia de trabalho para as oficinas e edita as cartas semanais em que seus leitores rurais informam sobre acontecimentos ocorridos em seus respectivos distritos. Às 10 horas, ele se acha



No andar térreo do edifício estão instaladas as oficinas do jornal, que é impresso todas as quintas-feiras à tarde, numa máquina semi-rotativa. Nessa ocasião, todo o pessoal, tanto da redação como da composição, toma parte ativa no trabalho de reunir as três secções do "Farmville Herald", à medida que o mesmo é impresso, deixando-o pronto para a distribuição



O "Herald" foi fundado em 1890. Desde o seu primeiro número tem saído todas as quintas-feiras, sem interrupção. Como todo jornal do interior, o de Farmville é considerada uma verdadeira instituição



O "Southside Community Hospital", de Farmville, inaugurado em 1927, centro em que a população local encontra todos os cuidados médicos. O "Herald" tomou parte de grande realce na campanha promovida afim de angariar fundos para a sua construção



O jornalista do interior tem que entender de todos os detalhes da impressão. Aqui vemos o diretor Wall dando a último de mão a uma forma que vá entrar na máquina. Seu assistente, W. Chaplin, é um dos dois surdos-mudos que trabalham agora no "Herald"





**Por ser** Farmville um entreposto essencialmente agrário, o "Herald" contém grande número de notícias referentes à lavoura e à pecuária. Aqui vemos o seu diretor observando uma vaca leiteira, premiada, na fazenda de criação do seu amigo H. E. Boswell

**A estação** de Farmville é um dos pontos indispensáveis para reportagens. Aí está o jornalista em palestra com o chefe da estação, T. C. Coleman, à espera de amigos.



na Rua Central colhendo notícias, fazendo reportagens. Vá ao Correio, às drograrias, às casas comerciais, onde troca impressões com elementos de todas as camadas locais. Atualmente, a pergunta que ele faz com mais frequência é a respeito de notícias deste ou daquele rapaz nas forças armadas.

Após a sua peregrinação profissional, o editor regressa à redação e passa a redigir alguns *suetos*:

"O Colégio Blackstone, para meninas, suspendeu seus cursos até terminar a guerra. A razão da medida é a necessidade de ser o seu edifício adaptado para a moradia de operários de guerra, devido à crise de habitações."

"Na Rua Segunda há um excelente terreno, de boas dimensões, que se presta para o plantio de uma Horta da Vitória e que já foi posto a disposição da Comissão de Horticultura."

"Os alunos da Escola Modelo de Farmville estão se cotizando para comprar selos de guerra para a aquisição de um automóvel "Jeep" para o Exército."

"Foi com profundo pesar que soubemos da morte, em combate no norte da África, do jovem Robert Baldwin, filho do Sr. e Sra. J. T. Baldwin, de Key-ville. Robert estava para matricular-se na Escola de Agronomia."

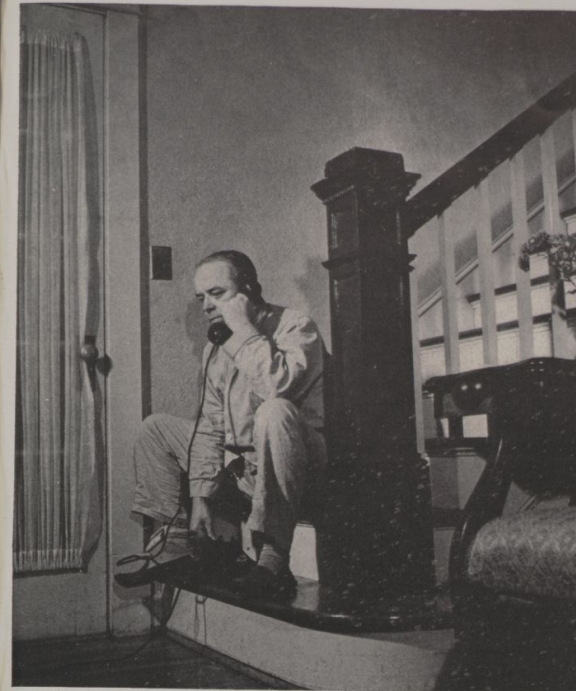
"Miss Louise Walker está oferecendo um curso de 20 horas sobre a produção e conservação de vegetais. As donas de casa poderão economizar metal em quantidade bastante para fabricar 1.209 metralhadoras, se consumirem, este ano, frutas ou vegetais de conserva acondicionados em frasco de vidro en- vênz de lata. As latas exigem estanho e este é mais útil na indústria de guerra."

"Os cinco filhos varões da família Peter Johnson, da vila de Prospect, estão agora nas forças armadas."

"O soldado Levi E. Motley, que era encarregado de um posto de gasolina na Praça Jennings, foi morto em combate no sul do Pacífico. Sua mãe recebeu uma carta do general George C. Marshall em que o chefe do estado-maior de Exército declara que Levi era respeitado por todos os seus camaradas pela sua grande bravura. Por isso ele será condecorado postumamente."

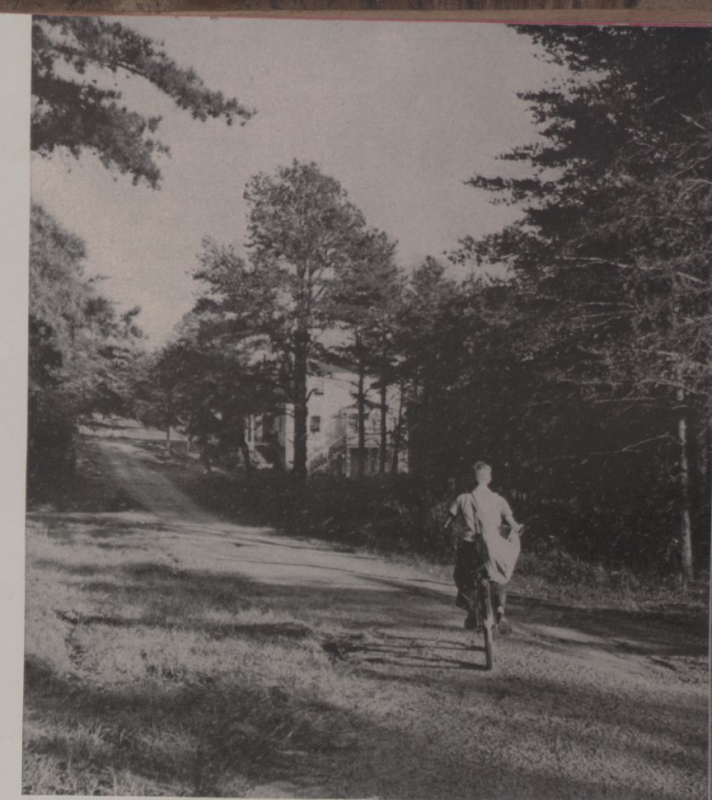
Além de atender aos trabalhos da oficina, à tarde, em certos dias, o editor do *Farmville Herald* não deixa de comprovar a sua aguda observação dos acontecimentos de carácter nacional e coopera, através de artigos editoriais, para esclarecer seus leitores acerca de muitos problemas relativos ao racionamento e outras medidas econômicas de interesse geral. O modesto jornalista da interior é, pois, um fator indispensável nas atividades de uma nação em guerra.

**O diretor** do "Farmville Herald", além de cooperar assiduamente pelas colunas do seu jornal, no esforço de guerra, oferece o seu próprio sangue para transfusões



**Mesmo** quando está em casa, o editor de jornal do interior não se vê completamente livre do trabalho. Sempre há alguém que lhe telefona, dando notícias ou pedindo detalhes de outras notícias. Todos contam com a paciente atenção do editor

**Os membros** das forças armadas encontram agradáveis passatempos neste clube especialmente criado para eles, pelo povo de Farmville. Aos sábados, é frequentado por centenas de soldados que estão acampados nas imediações da vila. O diretor do "Herald" costuma ir ao clube, para palestrar e jogar uma partida de dominós (em baixo) com amigos



**A distribuição** local do "Farmville Herald" é feita por cinco jornaleiros. Os assinantes de fora, recebem pelo Correio. Os que estão servindo nas forças armadas, no estrangeiro, recebem o jornal regularmente. Para eles todo o seu noticiário é sempre interessante





**HENRY L. STIMSON**, como Secretário da Guerra dos Estados Unidos, tudo tem feito para rearmar sua pátria, dotando-a de um exército que, em equipamento, efetivos, preparo e eficiência assume as proporções de uma das mais formidáveis organizações militares de todos os tempos.

As funções do seu cargo absorvem-lhe de 12 a 14 horas de intenso trabalho por dia. De generais com responsabilidade de comando na Inglaterra, na África, na Austrália e no Alasca chegam-lhe constantes comunicados e, de hora em hora, o Secretário Stimson e seu estado-maior acompanham a ação tática que vái se desenvolvendo em mais de uma dezena de frentes de batalha. Há sempre in-

## HENRY L. STIMSON

SECRETÁRIO DA GUERRA DOS EE. UU.

portantes e prementes problemas relativos ao abastecimento de exércitos que se encontram em ação a milhares de quilômetros de distância, dependendo, para a vitória, de munição de guerra e de bôca. Quando Stimson assumiu a pasta da Guerra no governo do Presidente Roosevelt, em Julho de 1940, êle não era um noviço em tais funções, por isso que, de 1911 a 1913, o Presidente Taft teve-o como Secre-

tário da Guerra. Durante a primeira guerra européia Stimson serviu na França, como tenente-coronel de artilharia. De 1927 a 1929 exerceu o cargo de governador-general das Filipinas, de onde se afastou para assumir, a convite do Presidente Hoover, o cargo de Secretário de Estado. Nêsse caracter foi êle presidente da delegação dos Estados Unidos à Conferência Naval de Londres, em 1930, e à Conferência de Desarmamento realizada em 1932. Quando os delegados alemães se retiraram, abruptamente, do plenário da conferência, Stimson certificou-se da inutilidade dos seus esforços em prol de uma paz universal. Essa visão do ilustre estadista tem sido agora de grande valia para a sua pátria em guerra.

## UMA PILOTO BRASILEIRA

**A**SRA. ANÉSIA PINHEIRO MACHADO, a primeira aviatrix da América do Sul e que tanto tem se distinguido na sua pátria — o Brasil — está agora se impondo, nos centros aeronáuticos dos Estados Unidos, ao respeito a que faz jús pela sua brilhante carreira.

A distinta aviatrix, que, em 1922, quando ainda não tinha completado 18 anos de idade, tornou-se a primeira mulher a fazer um vôo solo no Brasil, é, nos Estados Unidos, a primeira mulher estrangeira que se apresenta satisfazendo todas as condições exigidas para o curso de vôo com instrumentos e para o curso de instrutor de aeronáutica, segundo o programa do Centro de Padronização de Aeronáutica Civil, no Texas.

Seu interesse concentra-se sobretudo na possibilidade que ela terá, mais tarde, de atrair para a aviação o elemento feminino nas outras Américas. Desde há muito tempo que ela tem animado com grande entusiasmo a participação da mulher nas grandes conquistas da aeronáutica. A sua presença nos Estados Unidos também se reveste de importante comissão que lhe foi confiada pela Cruz Vermelha Brasileira e pelo Serviço de Saúde do Ministério da Aeronáutica do Brasil, para estudar a organização e o preparo das enfermeiras aéreas, afim de proporcionar aos serviços aéreos brasileiros todos os melhoramentos.



No Centro de Padronização da Aeronáutica Civil, em Houston, no Estado do Texas, a aviatrix Anésia Pinheiro Machado, em companhia de seus instrutores, familiariza-se com o uso de um computador

A aviatrix brasileira prepara-se para decolar num avião Fairchild, num dos aeródromos nos Estados Unidos, onde está fazendo um curso de aperfeiçoamento





# REI DO PACÍFICO

Desde o dia em que os japoneses atacaram Pearl Harbor, o navio porta-aviões "Enterprise" tem causado mais dano ao inimigo do que qualquer outra unidade naval dos EUA. Em onze meses, os aviões do "Enterprise" lançaram cem mil toneladas de bombas contra numerosos navios, instalações e fortificações terrestres das japonesas

NOS anais da guerra naval, o porta-aviões norte-americano *Enterprise* tem reservado um lugar de extraordinário destaque. Sua ação em combate tem sido das mais longas e das que tem causado maiores danos ao inimigo. Durante onze meses de atividade em várias áreas separadas na vastidão do Pacífico, as toneladas de bombas já lançadas pelos aviões do *Enterprise* são equivalentes ao quintuplo da tonelagem do navio, tendo afundado navios inimigos num total que corresponde várias vezes a essa tonelagem.

Na sua longa e intensa participação na guerra, o *Enterprise* já perdeu 85 aviões e muitos pilotos. Mas seus aviões conseguiram abater 140 aeroplanos inimigos e destruir grande número deles a bordo de porta-aviões e em terra. Conseguiram ainda afundar quatro porta-aviões japoneses, três destróyers, três submarinos e uma lancha-patrolha, além de terem avariado e posto fóra de combate um couraçado, um cruzador pesado, três navios petro-

leiros e um transporte. Suas bombas destruíram três importantes hangares, uma estação de rádio, seis grandes estabelecimentos militares insulares, três baterias de artilharia pesada, sete depósitos de gasolina e vários paiões de munição.

Foi, pois, muito significativo o fato de ter sido esse navio o primeiro a ser distinguido com uma honrosa citação feita pelo Presidente Roosevelt.

O início da ação combativa do *Enterprise* é digno de menção especial. O navio aproximava-se de Pearl Harbor exatamente na ocasião em que os japoneses lançavam o seu ataque aéreo contra essa base. Dêle foram os únicos aeroplanos de base em porta-aviões que participaram da defesa local.

Um mês depois, o *Enterprise* tomava parte saliente numa série de oito raids realizados contra as ilhas Marshall e Gilbert, dominadas pelos japoneses. Nesses ataques, foram destruídos diversos estabelecimentos militares, navios e aviões do inimigo. Durante as cinco semanas que se seguiram, o

*Enterprise* fez parte da força naval que atacou as ilhas de Wake e Marcus, situadas mais ao norte. Em Abril de 1942, foi designado para compôr a escolta do porta-aviões *Hornet*, na sua missão de conduzir os aviões que foram bombardear vários pontos estratégicos em Tóquio.

Em Junho do mesmo ano, distinguiu-se na batalha de Midway, quando os japoneses tentaram avançar com um poderoso conjunto de oitenta navios, pretendendo atacar a costa americana.

Nessa batalha, os aviões do *Enterprise* levaram a efeito quatro ataques separados, cujos resultados alteraram completamente o curso da guerra no Pacífico. A enorme esquadra inimiga foi repelida, teve afundados dez navios e avariados seriamente numerosos outros, pelas forças aéreas da Marinha e do Exército dos Estados Unidos. Foi nessa ocasião que os aviões do *Enterprise* investiram contra uma parte da força naval inimiga composta de quatro porta-aviões, quatro cruzadores e seis destróyers.

Dois dos porta-aviões, o *Kaga* e o *Akagi*, foram postos a pique e os demais navios foram atingidos em pontos vitais da sua estrutura.

No mesmo dia, dezessete bombardeiros do *Enterprise* juntamente com sete de outro porta-aviões atacaram o porta-aviões japonês *Soryu*, alvejando-o efetivamente. O navio envolveu-se imediatamente em chamas e, pouco depois, ia ao fundo. Ao todo, os japoneses perderam quatro porta-aviões durante os dois dias que durou a memorável batalha nas águas de Midway.

Quando as tropas dos Estados Unidos fizeram o seu desembarque na ilha de Guadalcanal, do grupo das Salomão, o *Enterprise* fazia parte das forças expedicionárias. De seus aviões foram lançadas 23 toneladas de explosivos sobre as posições artilhadas inimigas, destruindo-lhes as baterias. Somente num dia foram abatidos quatorze aeroplanos inimigos, facilitando-se assim o desembarque das forças americanas que, mais tarde, dominaram completamente

aquela ilha estratégica, tão ansiada pelos japoneses. E quando os japoneses se aproximaram depois, com uma força composta de três porta-aviões, um couraçado, sete cruzadores e dez destróyers, no seu primeiro esforço para recapturar a ilha, o *Enterprise* lá estava para reforçar a ação dos ocupantes. Seus aviões afundaram, então, um submarino e destruíram 35 aeroplanos japoneses. Não havia ainda decorrido dois meses desde a vitória de Guadalcanal, quando o *Enterprise* entrava novamente em combate de grande proporções, a 26 de Outubro de 1942, nas águas das ilhas de Santa Cruz, a sudeste do grupo das Salomão. O navio foi aí atingido por várias bombas e, três vezes, escapou de ser torpedeado, graças às hábeis manobras feitas pelo seu comandante.

Apesar das avarias recebidas, o *Enterprise* pôde acompanhar a marcha da sua escolta. Nessa batalha, seus aviões destruíram 63 aeroplanos inimigos e avariaram um porta-aviões e um couraçado.



O comandante S. O. Ginder, do "Enterprise", ao receber do almirante C. W. Nimitz a citação presidencial

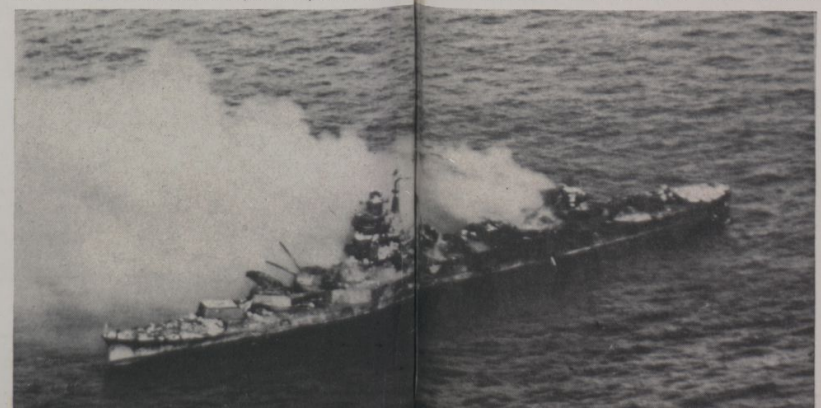
As ilhas Marshall e Gilbert . . . Da base japonesa na baía de Wotje, que acaba de ser bombardeada pelos aviões do "Enterprise", se elevam densas colunas de fumo. Isso foi a primeira incursão da ofensiva no Pacífico



Ao continuarem as forças dos Estados Unidos a sua ofensiva no Pacífico, realizou-se o ataque contra outras ilhas ocupadas pelos japoneses. Aqui se vê o ataque feito contra a ilha de Wake, pelos aviões do "Enterprise"



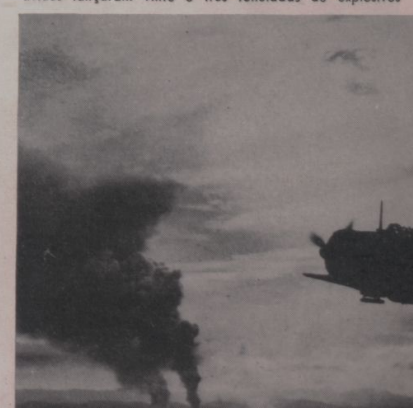
O ataque contra a ilha de Midway. Um cruzador japonês do tipo "Mogami", pouco antes de receber as bombas que o levaram para o afundamento de dez navios inimigos, ten-  
a ainda avariado e posto fóra de combate dez outros



Na batalha de Santa Cruz, o "Enterprise", sob o ataque da aviação japonesa, conseguiu abater 63 aviões inimigos. Apesar das avarias recebidas, o porta-aviões americano voltou a entrar em ação duas semanas depois



Em Guadalcanal, os aviões do "Enterprise" destruíram as posições de artilharia japonesa, facilitando assim o desembarque das tropas americanas. Nesse assalto, seus aviões lançaram vinte e três toneladas de explosivos







**De caminho** para o trabalho na fábrica de aviões Grumman, a Sra. Ethelmae Woodbury deixa seus filhinhos aos cuidados do centro infantil, onde eles permanecem até ela voltar para casa, horas depois



**As crianças** ficam aos cuidados de inspetoras que os distraem e ao mesmo tempo as educam nos rudimentos adotados nos jardins de infância. Muitas fábricas criaram seus próprios centros infantis. Outros são mantidos pelo governo ou organizados por particulares. O sistema tem dado excelentes resultados no país

## OS CENTROS INFANTIS

COOPERANDO COM AS MÃES QUE TRABALHAM

**N**A indústria bélica nos Estados Unidos encontram-se, atualmente, milhares de mulheres — jovens mães que se viram em face do problema de como deixar seus filhinhos durante as horas do trabalho fabril.

Afim de afastar-lhes essa preocupação, o governo tem animado a criação de centros infantis, instalados dentro das áreas industriais especialmente destinados a cuidar das criancinhas. O apoio do governo tem proporcionado a escolas, igrejas e várias instituições os recursos necessários para a criação de centros que agora já representam um total de 2.700, e o programa continua em franco desenvolvimento.

As mães que trabalham deixam seus filhinhos nesses centros, às vezes, às 6.30, onde eles permanecem, frequentemente, até às 18.30. As crianças que ainda não estão em idade escolar também ficam aos cuidados desses centros. Ai são-lhe fornecidas tôdas as alimentações, cuidadosamente preparadas e de valor nutritivo conveniente, assim como diversões e brinquedos, sob a assistência de enfermeiras. As crianças, que já frequentam escolas, vão para os centros infantis, depois das aulas.

Em seus contratos de produção de guerra, o governo tem estabelecido a condição de evitar o trabalho de operárias que tenham filhos pequeninos. Em muitos lugares, entretanto, a carência de habitações para servir a um maior número de operários tem feito com que sejam aproveitadas até mesmo tôdas as mulheres que estiverem em condições de trabalhar. Muitas delas têm filhos de 2 a 14 anos, de sorte que a única solução foi criar os centros infantis, para empregar na indústria bélica o maior número possível de pessoas.

Na mobilização humana que está se fazendo nos Estados Unidos, a mulher tem uma participação muito variada. Não somente na indústria, mas nas forças auxiliares do Exército e da Armada, na Cruz Vermelha, nos serviços hospitalares civis, na defesa anti-aérea e mesmo no lar, a mulher está fazendo uma grande contribuição para a vitória.

Conquanto os centros infantis sejam, essencialmente, para cuidar dos filhinhos de operárias, os mesmos cuidados são dispensados a muitas crianças cujos pais são obrigados, pelas circunstâncias do seu próprio trabalho industrial de guerra, a morar, temporariamente, em habitações acanhadas, ou em moradias improvisadas. Desta maneira se salvaguarda tanto a sua valiosa saúde como a de seus próprios filhos.



**Onde** não existem centros infantis, as Voluntárias da Defesa Civil se encarregam de tomar conta das crianças. Cada uma delas serve de "mãe voluntária" durante o período de uma semana, em casa



**No centro infantil** as crianças são ensinadas a brincar juntas, enquanto suas mães trabalham na indústria de guerra. Essa é a solução de um importante problema



**Nos centros,** as crianças encontram todos os cuidados, especialmente quanto à sua alimentação, que lhes é dada com absoluta regularidade. No gravura acima vê-se um dos centros infantis anexo a uma fábrica, onde avulta o número de mulheres



**Jane Tupper,** universitária e inspetora de um dos centros infantis, é uma das numerosas estudantes que se ofereceram como voluntárias para fazer companhia às crianças cujas mães trabalham na indústria bélica, para dar maior impulso à produção fabril





**1** Uma coluna d'água eleva-se no local onde o "cutter" "Spencer" acabou de lançar uma bomba contra um submarino. Vê-se à distância o cambôio de navios cargueiros mudando a sua rota para evitar a ação dos submarinos inimigos, cujo ataque é feito frequentemente em grande numero. A campanha anti-submarina aumenta de intensidade

## O SERVIÇO DE GUARDA COSTA

EM tempo de paz, as funções da Guarda da Costa se resumem na repressão ao contrabando, na vigilância contra os "icebergs" e no serviço de socorro. Mas, com a guerra, a Guarda da Costa foi incorporada à esquadra e tem estado em constante atividade dando combate ao inimigo, cuja ação está encontrando agora maiores dificuldades.

Em tôdas as partes do mundo, seus pequenos "cutters" têm provado a eficiência da sua participação na guerra, sobretudo contra os ardilosos submarinos que infestam as vias do Atlântico.

Seu pessoal, cujo efetivo era de 15.000 homens, é atualmente de mais de 100.000. E a construção de novas unidades tem se multiplicado, dotando a Guarda da Costa com velozes "cutters" que são a pavor dos comandantes de submarinos. O número de submarinos já afundados pela Guarda da Costa não foi dado à publicidade, mas sabe-se que um de seus navios ofereceu combate a seis submarinos num período de doze horas, conseguindo afundar um deles. Um outro "cutter" afundou um sub-

marino nazista e capturou a sua guarnição. Em terra, as patrulhas da Guarda da Costa, de serviço nas praias de Long Island, em Nova York, foram as primeiras a surpreender o desembarque de vários espíões, de bordo de um submarino alemão, sendo que alguns deles foram, pouco depois, executados.

O afundamento de um submarino, pelo "cutter" *Spencer*, foi a razão, recentemente, para que a tripulação do guarda-costa se barbeasse. Os tripulantes tinham tomado a resolução de deixar crescer a barba até afundarem um submarino. Seguindo à frente de um combôio, o *Spencer*, por meio de seus detectores de som, verificou a presença de um submarino nas imediações e, imediatamente, lançou várias bombas de profundidade.

O submarino procurou escapar, submergindo bem fundo por baixo dos navios do combôio. Esse ardil tornou difícil a sua perseguição, por isso que o ruído dos motores dos navios interferia com o aparelho detector de som do guarda-costa. Este, não obstante, conseguiu dar caça ao submarino, seguin-

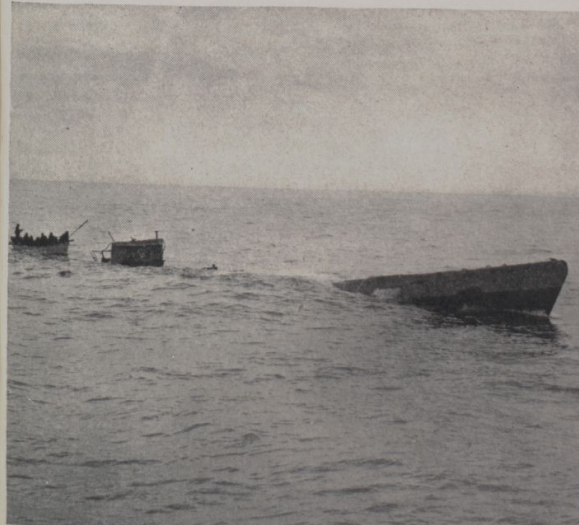
do-o por entre os navios, lançando, finalmente as bombas que o obrigaram a vir à superfície. Já então chegava ao local outro "cutter", o *Duane*, que se reuniu à ação e, com seus canhões, destruiu o submarino. Seus tripulantes saltaram n'água e mais de quarenta foram capturados.

O "cutter" que combateu seis submarinos durante doze horas foi o *Campbell*. O navio fazia parte da escolta de um combôio no norte do Atlântico e acabava de regressar de uma investigação que tinha ido fazer a 40 milhas de distância, quando o seu vigia assinalou a presença de um submarino inimigo à superfície.

O *Campbell*, numa rápida manobra dirigiu-se para o local indicado, mas o submarino submergiu antes de poder ser alvejado pelos canhões do seu perseguidor. De bordo foram lançadas numerosas bombas, mas não foi possível notar resultado algum. O *Campbell* afastou-se do local afim de ir em socorro de uma corveta, também da escolta do combôio, que estava atacando outro submarino.



**2** Com suas chapas abertas, em consequência da explosão, o submarino vem à superfície e é alvejado pelos canhões do "Spencer". Na gravura vê-se ainda um dos sobreviventes do submarino, agarrado à sua torre. Os outros atiram-se ao mar. Todos foram recolhidos pelo "cutter" e conduzidos, como prisioneiros, para o porto mais próximo

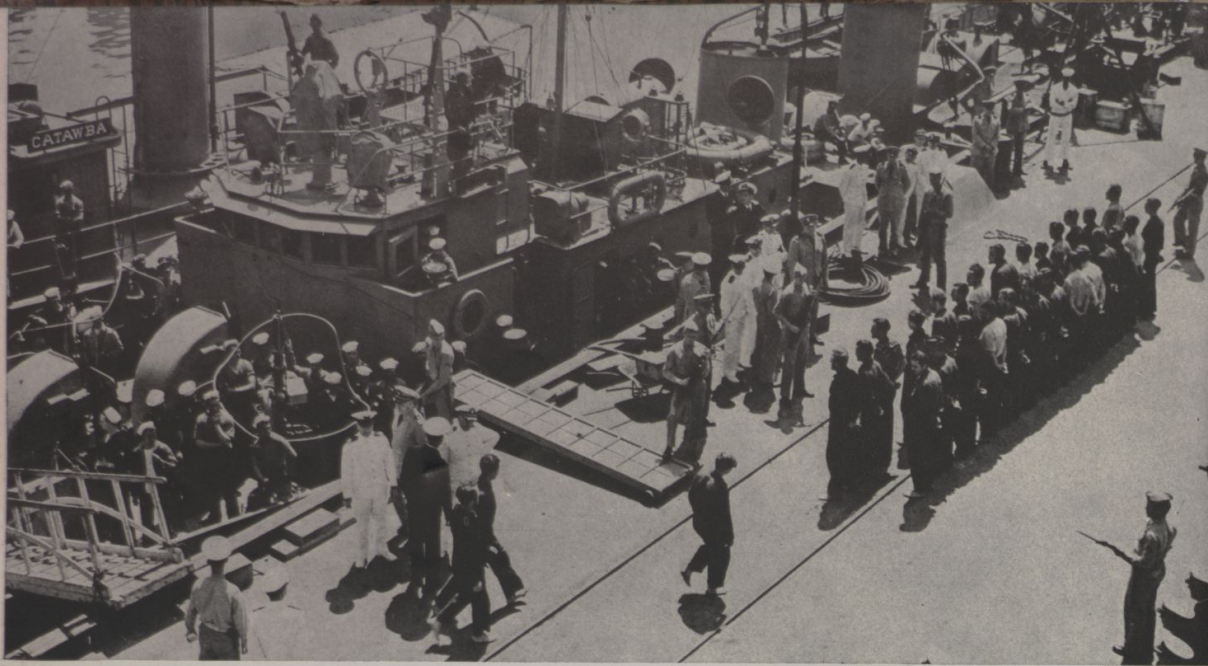


**3** Fazendo água por todos os lados, o submarino vái rapidamente ao fundo. Um pequeno escalér do "cutter" aproxima-se para verificar se ainda há sobreviventes



**4** Os tripulantes do submersível nazista, que conseguiram escapar, são salvos pelo "Spencer." Outro "cutter", o "Duane" (à distância) monta guarda contra imprevistos





Tripulantes de um submarino afundado pelo guarda-costa "Icarus", ao largo da costa norte dos Estados Unidos. Aqui os vemos, por ocasião do seu desembarque

Ao cair da noite, o *Campbell* continuava na sua ação contra o inimigo. Ao amanhecer, porém, outros três submarinos foram observados, mas a sua submersão foi tão rápida que não houve tempo para que nenhum deles fosse alvejado convenientemente com os canhões de bordo.

Pouco depois, entretanto, o sexto submarino foi avistado. O "cutter" não perdeu tempo e seguiu a toda força para o local, conseguindo arremessar-se contra a unidade inimiga. Logo que foi feito êsse ousado ataque, o navio afastou-se e alvejou o submarino, afundando-o. O embate produziu um rombo de três metros na sua linha d'água, a sua casa das máquinas ficou alagada, mas um destroyer polonês chegou a tempo para rebocá-lo.

Outro "cutter", o *Icarus*, de 50 metros de comprimento, alcançou idêntico triunfo contra um sub-

marino, conseguindo aprisionar 33 de seus tripulantes, inclusive o próprio comandante. Essa foi a primeira vez que a captura da guarnição de um submarino foi dada à publicidade. O comandante Maurice Jester, do *Icarus*, que se encontra há 28 anos no serviço da Guarda da Costa, foi condecorado com a Cruz da Armada, pela sua ação brilhante num combate de meia hora ao largo da costa atlântica dos Estados Unidos. Na ocasião, o mar estava calmo e o "cutter" fazia o seu serviço habitual de patrulhamento, quando os aparelhos de bordo registaram o ruído dos motores do submarino.

O inimigo achava-se a pouca distância: cem metros, aproximadamente. A guarnição do guarda costa assumiu seus postos de combate e lançou duas séries de bombas em várias direções para encerrar o submarino dentro de uma ampla área

sujeita ao efeito mortífero das explosões. Ao terminar a segunda série, ouviu-se uma formidável explosão sob a superfície das águas, a 200 metros a bombordo. O "cutter" lançou mais uma série de bombas, seguida de duas bombas isoladas.

À superfície surgiram então enormes bólgas de ar. De bordo do "cutter", seus tripulantes viram a proa do submarino surgir à tona, numa inclinação de 45 graus. Sua torre abriu-se e vários marinheiros alemães precipitaram-se para fóra, procurando fazer uso do canhão da coberta, mas inutilmente, porque as baterias de bordo do *Icarus* não lhes deram tempo. O submarino não tardou em ser coberto pelas águas, afundando, enquanto seus tripulantes se atiravam ao mar. Estava terminado o combate. O "cutter" recolheu 32 homens e conduziu-os para a sua base, como prisioneiros de guerra.



O comandante James A. Hirschfield [à direita] permanece no seu posto, a bordo do "cutter" "Campbell", para decifrar uma mensagem em código, que lhe é trazida pelo seu sinalheiro. O "Campbell" sofreu avarias quando pôs à pique um submarino



Oficiais do submarino alemão afundado pelo "Icarus", sendo interrogados no arsenal de marinha de Charleston. O segundo à esquerda é o capitão-tenente Helmut Rathke, comandante do submarino, e ao centro, está o seu imediato. Todos foram internados



O salvamento, por marinheiros da Guarda Costa, da tripulação de um navio torpedeado

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capat—Ivan Dmitri, PA, Acme, Sargento Erigo e Cabo Miller do CSE. Páginas interiores: 1, Yank, The Army Weekly; 2, PA, Acme, PA; 3, Acme; 4, PA; 5, Acme; 6, Int.; 7, Int.; 8, Acme, Int.; 9, Willinger, de Schostal; 10, F. P. G., N. Y. Daily News, Acme; 11, PA, Int.; 12, Douglas Aircraft; 13, PA, Acme, Int., Int., Acme; 14, PA; 15, Int.; 16, E. R. Hibbs, European; 17, A. Roosevelt, H. Leyshon; 18, F. P. G., Grace Line; 19, A. Roosevelt, Sawders, de Cushing, C. Van Ark; 20 e 21, CSE; 22, MA, Acme, PA; 24, CIM, Int., PA; 25, PA; 26, MA; 27, MA, Junta de Guerra Química; 28, Click, por Ihe Yerm., C. Fisher; 29, Harris & Ewing Click, Harris & Ewing; 30, Click, Harris & Ewing; 31, Click, Harris & Ewing, Harris & Ewing, por R. Curtis; 33, AC; 34 e 35 Life, por Stackpole, (em cima), Acme; 36, Acme, F. Lewis, F. P. G.; 37, PA, European, PA; 38 e 39, GC; 40, PA, PA, Acme. Chama das abreviaturas: PA—Press Ass'n; Int.—International; CSE—Corpo de Sinais do Exército dos Estados Unidos; MA—Marinha Americana; AC—Aeronáutico Civil; GC, Guarda-Costa; CIM—Corpo de Infantaria de Marinha dos Estados Unidos.